



LIVRO 54 - A HISTÓRIA DE UÓCHITÃO, UM BRASILEIRO À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS

Sinopse:

O livro conta a história de Uóchitão Luiz da Silva, um brasileiro que vive momento de grande revolta pelos inúmeros desafios que a sociedade brasileira impõe aos seus cidadãos. Ele sofre um ataque de nervos e é internado em um dos melhores hospitais de São Paulo. O seu estado é crítico e os médicos encontram dificuldades de tirá-lo do estado de choque. Após alguns eventos, ele recupera a consciência e conta aos médicos como tudo começou e as razões que o levaram a este estado de choque nervoso. A história é contada em tom de humor e sarcasmo, ao mesmo tempo em que percorre episódios do cotidiano de um brasileiro sujeito à violência generalizada e à perda dos valores éticos e morais de nossa sociedade que se abatem sobre os cidadãos. Ele descobre que está se formando no Brasil duas sociedades: a do 'povinho' e a dos 'cidadãos'. E dá suas razões para esta classificação.

J. J. Dacosta

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que dedicam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

J. J. Dacosta

Uma equipe médica formada por seis renomados especialistas atende o famoso e excêntrico empresário do ramo da construção civil, senhor Tom Silva. A preocupação era geral. Logo pela manhã o doutor Einstein, o experiente líder da equipe de um dos melhores hospitais de São Paulo, se dirige ao quarto 31 onde o senhor Tom está internado:

- Como ele passou a noite? Continua em crise?
- Sim, doutor. Ele não reage a nenhum contato e medicação prescrita e continua somente falando as frases de sempre. Não, perdão. Esta manhã ele acrescentou mais quatro frases à sua lista!
- Quais, senhora Sarah?
- “Parem de destruir a Amazônia e o Cerrado seus filhos da mãe!”, “Como pode? Os eleitores insistem em manter corruptos na política. Eleitores sem vergonhas e um bando de filhos da mãe!”. “E este trânsito de São Paulo infernal? Ninguém mais aguenta!”. E tem mais uma: “Estes motoristas bêbados que continuam matando inocentes na mais absoluta impunidade. Bêbados filhos da mãe!”.
- Bem, dona Sarah, a senhora não precisava ser tão explícita! Podia ter omitido todos estes filhos da mãe!
- Omiti-los, doutor? Mas, aí eles não vão continuar por aí no cenário brasileiro aprontando?
- Eu quis dizer: omitir de falar este palavrão não apropriado para o nível deste hospital!
- Entendo, me desculpe. Mas, é o que mais se ouve por aí, doutor!
- Bem deixemos os filhos da mãe para lá! E quanto ao senhor Tom, vamos continuar monitorando. Repetiremos os exames hoje de EEG, ressonância magnética do cérebro e hemograma completo.
- Sim, doutor!

O doutor Einstein retirou-se para reunião com os demais especialistas da equipe para análise do estranho caso do senhor Tom e as próximas etapas do tratamento.

- Eu estou estupefato! Em meus 35 anos de carreira nunca tinha me deparado com um caso semelhante!
- Realmente, doutor Einstein. O senhor Tom está em estado de choque nervoso, uma espécie de bloqueio mental que não está apresentando reversão. Sua única capacidade preservada é balbuciar frases, como as que ele acabou de fazer esta manhã.
- Pois é doutor Fábio, pois é! Mas, temos que encontrar uma solução e rápido. O que os colegas sugerem?
- Eu acredito que uma das explicações para o caso dele deve estar relacionada às próprias frases!
- Nós temos uma lista de todas as frases que ele disse? Perguntou o doutor Einstein.
- Quem o tem acompanhado e deve saber é a enfermeira Sarah!
- Senhora Sarah, anote todas as frases que a senhora lembrar e todas as novas que o senhor Tom pronunciar daqui para frente e traga para a equipe médica! Solicitou o doutor Einstein.
- Pois não! Não sei se vou me lembrar de todas. Foram tantas! Mas, com certeza terei uma lista boa destas frases. Omito os filhos da mãe doutor?
- Não! Pode incluir todos os filhos da mãe para melhor orientação da equipe, senhora Sarah.

E a paciente senhora Sarah passou a anotar as frases que se lembrava e as novas ditas pelo pobre milionário senhor Tom.

A lista crescia a cada dia de muitos dias na mesma situação:

“Onde vamos parar com tanta violência? Um em cada três brasileiros já foi vítima de assaltos!”.

“Por que não se fala mais na pena de morte e prisão perpétua no Brasil?”.

“Não aguento mais ver telejornais. É uma enxurrada de más notícias. Eles escolhem o que de pior acontece no mundo para invadir nossas casas!”.

“Eta ‘povinho’ sujo e porco. Não se consegue achar uma praia limpa!”.

“Que televisão mais incoerente. Ao mesmo tempo em que condena a violência nas ruas e nas escolas em seus telejornais ensina todas as maldades e técnicas de violência em suas novelas!”.

“Este ‘povinho’ vai ter que beber água suja no futuro. Ninguém se preocupa em manter os rios limpos. Só se vê esgoto e lixo por todos os lados!”.

“Parem de destruir a Natureza! Parem de destruir nossa flora e fauna. No futuro só teremos homens habitando este planeta, vivendo com as formigas e baratas!”.

E a senhora Sarah continuava anotando as frases, já com um ar de ‘saco cheio’ de tantas reclamações do senhor Tom. Mas, ordens são ordens. Para passar o tempo, ela começou a responder algumas das frases ditas pelo senhor Tom.

“Meu voto daqui para frente será nulo!”.

- Mas, senhor Tom. Assim o senhor não acha que serão eleitos os piores candidatos? Se os eleitores conscientes votarem nulo a eleição não perderá qualidade?

O senhor Tom deu uma parada nas frases por alguns segundos. Mas continuou:

- “Até quando vamos deixar estes pivetes com mais de 16 anos matarem à vontade sem qualquer penalidade. Eles sabem muito bem o que estão fazendo!”.

- Bem, aí temos uma situação difícil de se analisar. De um lado, estes jovens, em sua maioria, se originam de famílias carentes que não tiveram oportunidades de educação e passam por muitas privações. Por outro lado, temos esta situação que estamos vendo destes menores ser usados por criminosos graças à proteção da lei pela impunidade.

O senhor Tom parou de falar as frases por um tempo maior e até ameaçou abrir os olhos. Mas, continuou:

“Até quando vamos ver este povo sujar tudo, poluir nossos rios e praias, continuar votando em políticos corruptos, prestigiar programas da TV que só trazem vulgaridades?”.

O senhor Tom deu uma pausa e continuou:

“Este povinho reclama, reclama, acha que é tudo culpa do governo, mas, na verdade, o Brasil merece o povo que tem!”.

- Mas, senhor Tom. Será que isto não é um problema de educação e melhor distribuição da renda neste país?

O senhor Tom mexeu-se na cama como tendo um ataque e, alguns segundos depois, continuou com sua manifestação:

“Os cidadãos de bem deste país estão cada vez mais em desvantagem! Sofrem todos os tipos de violência, gastam a maior parte de seu tempo presos no trânsito, prejudicam sua saúde com tanta poluição! Muitos enfrentam dificuldades para obter tratamento médico, encontrar emprego!”.

- Bem, senhor Tom. Tenho que reconhecer que o senhor está com bons argumentos. Pode ser que o senhor tenha razão!

O senhor Tom mostrou um leve sorriso nos lábios e continuou:

“Se o IBGE fizer uma pesquisa específica confirmará que os desonestos, corruptos, oportunistas e criminosos já representam mais da metade da população brasileira. Assim, este grupo de ‘povinho’ já está maior do que o número de cidadãos honestos e bem intencionados neste país. Como vamos viver assim?”.

A senhora Sarah já esgotando sua paciência, ainda tentou acompanhar os pensamentos do senhor Tom:

- Eu estou de acordo com o senhor que o número de brasileiros desonestos, corruptos, oportunistas e criminosos é muito grande. Porém, não acho que este ‘povinho’ represente mais da metade da população!

“E tem mais! E eu não incluí nesta conta os que destroem a natureza, são vulgares, emporcalham com lixo todos os lugares que frequentam!”.

- É verdade, senhor Tom. É verdade!

“A impunidade no Brasil é tão absurda e a facilidade para se fazer assaltos é tão grande que estamos recebendo ladrões até de outros países, como argentinos, bolivianos, paraguaios e peruanos. Eles dizem que é muito mais

fácil ser ladrão aqui no Brasil do que nos países deles. Estamos cada vez mais perdidos!”.

A senhora Sarah, desta vez, não respondeu. Alguns segundos depois, o senhor Tom abre os olhos e diz com ar cansado pela energia que havia gasto com tantas manifestações:

- A senhora... não vai... dizer... nada?

A senhora Sarah pulou da cadeira assustada e tocou o alarme de emergência. Em pouco tempo toda a equipe médica estava no quarto do senhor Tom:

- Senhor Tom, fale com a gente! Estimulou o doutor Einstein.

O senhor Tom, acordando um pouco de seu sono profundo, abriu uma pequena fresta em seus olhos vendo à sua volta os vultos dos seis médicos. Olhando de um lado, de outro, não percebera que estava em um quarto de hospital. E gritou apavorado:

“Não matem meu filho, não matem meu filho! Eu vou pagar o resgate que vocês pediram! Ele é tudo o que eu tenho! Não matem o meu filho pelo amor de Deus!”.

- Senhor Tom, se acalme! O senhor está entre amigos. Somos seus médicos. Procure se controlar. O que aconteceu com o senhor? Como chegou a esta situação de choque?

O senhor Tom aos poucos foi se controlando, confiante que estava em um ambiente seguro. Abriu seus olhos, segurou com força a mão do doutor Einstein e com a outra mão agarrou-se ao braço da senhora Sarah.

E assim ficou por alguns minutos, ora abrindo os olhos, ora os fechando novamente.

Até que ele, finalmente, conseguiu se recompor e sair do estado de choque em que se encontrava, apesar de muito debilitado. Pediu água, disse que queria comer alguma coisa. Afinal de contas, vinha se alimentando através de sondas e soro por muitos dias.

A senhora Sarah teve autorização do doutor Einstein para providenciar água e uma sopa leve. Enquanto esperava, o senhor Tom pediu ajuda para se sentar na cama e perguntou:

- Como eu vim parar aqui? Por que estou neste quarto de hospital?
- Sua esposa e filho o trouxeram aqui em estado de choque. Parece que o senhor passou por uma grave violência e entrou neste estado.
- Há quanto tempo eu estou aqui?
- Duas semanas. Exatamente 16 dias!
- Meu Deus! Onde está o Tomzinho? Como ele está? Quantas pessoas foram assassinadas neste período? Quantos motoristas bêbados atropelaram crianças inocentes nas calçadas com total impunidade?
- Esqueça os assassinatos os atropelamentos por enquanto, senhor Tom. Conte como tudo aconteceu! Disse o Dr. Einstein.
- É uma longa história. Uma história que já dura 60 anos. Vocês querem mesmo ouvir?
- Temos todo o tempo do mundo! Precisamos entender o que aconteceu para melhor orientação quanto ao seu tratamento! Tranquilizou o Dr. Einstein.
- Sabe, doutor, o Brasil todo está contra mim! O “povinho” que mora aqui, todos se uniram contra mim! É assim que me sinto! Será que não há lugar para uma pessoa bem intencionada e honesta neste país?
- Puxa! O Brasil todo contra o senhor! Será que o problema não está no senhor?

(Virando-se para a equipe o Dr. Einstein cochichou: ‘Estou me lembrando daquela piada em que uma senhora assistia um batalhão marchar na parada de 7 de setembro e virou-se para a amiga e disse: veja, o meu filho é o único que está marchando certo!’).

Ao ver os médicos rirem discretamente, o senhor Tom perguntou:

- O que foi? Disse alguma coisa engraçada?
- Não, senhor Tom. Desculpe-nos. Estávamos rindo de outra coisa! Bem, não é estranho que um país todo, o ‘povinho’ como o senhor se referiu, esteja contra o senhor?

- Mas, eu não tenho a menor dúvida disto! Em toda minha vida eles conspiraram contra mim! E isto está me levando à loucura! Parece que não temos pessoas neste país procurando construir uma verdadeira sociedade, a corrupção, a falta de educação deste ‘povinho’ que vive aqui, a violência brutal em todos os cantos da cidade, tudo isto tem infernizado toda a minha existência.

O médico psiquiatra da equipe arregalou os olhos para o Dr. Einstein em sinal de que teria muito trabalho pela frente!

- Bem, senhor Tom. Vamos ouvir sua história para melhor compreender os seus motivos e como chegou a este ponto de choque e descrédito em nosso querido Brasil. Mas, o senhor terá que se controlar. O senhor acabou de passar por um sério ataque de nervos! E já está à beira de um novo ataque!

O senhor Tom olhou fixo, com os olhos estalados, para as gotas do último frasco de soro que insistiam em cair em suas veias. E o lento cair das gotas o levou a um passado distante. Assim, o senhor Tom começou a recapitular sua vida, sua história e como tudo evoluiu para levá-lo a este estado insano e incontrolável...

Bem, meu pai morava em uma pequena cidade ao norte de Minas Gerais e pertencia a uma família muito pobre, que vivia em um casebre e passava por todo tipo de dificuldades. Ele era um jovem trabalhador. Mas, na pequena cidade onde nasceu não havia oportunidade de emprego. Certo dia, um caminhão de São Paulo estacionou na praça oferecendo emprego a homens fortes que quisessem trabalhar no corte de cana em uma grande fazenda do interior de São Paulo. Eles ofereciam bons rendimentos, uniforme, comida, ferramentas e alojamento. Meu pai ouviu os conselhos de meu avô para que aceitasse esta ‘grande oportunidade’ de trabalho.

Assim, muito triste por deixar seus pais já idosos, ele subiu no caminhão. Ele sentia que, de uma forma ou de outra, esta viagem determinaria os rumos de seu Destino. Foi uma viagem longa que levou mais de 12 horas. Sem bancos para sentar, os homens se agarravam uns aos outros para não caírem do caminhão. O motorista do caminhão viajou à noite para que a polícia rodoviária não percebesse este transporte irregular de trabalhadores. Para piorar ainda mais a situação, uma chuva forte fez com que todos chegassem à fazenda molhados e com frio nas primeiras horas da manhã do dia seguinte. Alguns não tinham roupa de troca.

Todos foram encaminhados para um feitor, que mais parecia um carrasco e um ‘capitão do mato’, aquele que perseguia os escravos foragidos, que lhes disse:

- Aqui vocês terão um trabalho de verdadeiros homens e terão que se esforçar muito para garantir a produção. Aliás, vocês receberão por produção. Quem conseguir cortar a quantidade de cana por dia ganha, quem não conseguir não ganha. O alojamento é simples, mas dá para dormir. A comida é arroz e feijão, ovo frito e, quando dá, um pouco de frango. A usina vai entregar uniforme e ferramentas. Mas, tudo isto custa muito para o nosso patrão. Assim, vocês terão que pagar pela comida, pelo uniforme e pelas ferramentas. O alojamento e o transporte são de graça. Assinem aqui este documento que vocês estão de acordo e têm esta dívida com o patrão. Agora, podem se vestir, pegar as ferramentas que o canavial está esperando por vocês.

O feitor nem se preocupou que aqueles homens viajaram de madrugada sem dormir e estavam cansados. Já deveriam iniciar o trabalho do corte da cana imediatamente. Foi um dia cansativo, mas de aprendizado. Meu pai nunca cortara cana antes. Estava com os músculos moídos, as costas e as pernas doendo, os braços inchados. Na hora do tão esperado almoço, chegaram as marmitas com o arroz e feijão e ovo frito. Apesar de fria, a comida foi devorada por todos em segundos. Este trabalho dava muita fome. À noite, meu pai pode dormir, apesar da cama ser um estrado de madeira duro, sem colchão, coberta apenas com um pedaço de pano. Mas, ele estava tão cansado que nem percebeu a diferença desta sua nova cama com a que tinha em Minas Gerais com colchão de palha de milho.

Mas, meu pai estava muito feliz. Podia agora ganhar algum dinheiro e enviar para meus avós necessitados em Minas Gerais. E, no final do mês, chegou o tão esperado dia de pagamento. O feitor entregou o envelope com dinheiro vivo a todos os trabalhadores. Ao abrir, todos tiveram uma triste surpresa. No envelope tinha somente algumas notas de R\$ 10,00 e R\$ 5, 00, que somavam R\$ 250,00 para cada um. Isto foi o que sobrou após o abatimento das despesas com uniforme, ferramentas e comida.

Meu pai enviou R\$ 200,00 para meus avós e eles fizeram uma festa na compra de mantimentos. Parecia que tudo daria certo.

E a alegria do meu pai foi quando conheceu minha mãe Maria, outra cortadora de cana. Ele se encantara pela força e vigor daquela negra que cortava cana melhor do que muitos homens. Foi amor à primeira vista. Os dois se apaixonaram e logo fizeram planos de casamento. Sem maiores cerimônias, os dois deixaram o casamento no civil e na igreja para outra

ocasião e se juntaram. O feitor até que arrumou um canto um pouco mais reservado no acampamento para os dois morarem. Mas, isto não garantia nenhuma privacidade. Assim, meus pais acharam melhor ir para a cidade grande tentar uma nova vida. Aquela vida de cortador de cana não daria futuro. Além do mais, eu já estava sendo esperado para nascer na sofrida barriga de minha mãe.

Quando eles informaram a decisão para o feitor este reagiu de forma muito agressiva:

“Você somente poderão sair daqui quando pagarem a dívida com o patrão!”

E apresentou uma despesa que contabilizava gastos elevados com comida, uniforme, ferramentas, alojamento e incluía até o transporte de Minas Gerais para São Paulo. Meus pais não tinham como pagar esta dívida com o patrão. E eles sabiam que não deveriam desacatar o feitor sob pena de tomarem uma surra de seus capangas. Assim, acharam que deveriam esperar até o próximo pagamento. Com o dinheiro que receberiam, apesar de pouco, eles fugiriam da fazenda rumo a uma nova vida.

E, desta forma, na madrugada do dia seguinte ao pagamento, os dois saíram sorrateiramente do acampamento, pegaram a estrada a pé até conseguirem carona em um caminhão para São Paulo, a cidade grande e cheia de oportunidades.

Eu fiquei revoltado com a exploração da mão de obra nos canaviais quando meus pais contaram esta história, mas procurei me controlar!

A barriga de minha mãe crescia e ela já sentia os meus primeiros chutes.

“Quem sabe o nosso filho não vai ser um grande jogador de futebol”, dizia ela toda contente. Sonho de todos os pais pobres!

Meus pais conseguiram um pequeno barraco em uma favela na baixada do Aeroporto de Congonhas e tiveram que pagar R\$ 100,00 adiantadamente para o dono do barraco. Estava ótimo! Tinha sobrado, ainda, R\$ 200,00 e os dois poderiam trabalhar na rica região ao redor da favela. Meu pai foi trabalhar como servente de pedreiro, minha mãe foi fazer faxina em casas.

A família dava um grande salto. O dinheiro dava para comer bem e até mandar R\$ 200,00 para os meus avós em Minas Gerais todos os meses. Minha mãe, infelizmente, não sabia mais do paradeiro de seus pais na Bahia.

Alguns meses depois, minha mãe não conseguia mais trabalhar na faxina das casas. Sua barriga estava grande demais e tudo parecia que eu deveria nascer. Ela foi orientada pelas suas patroas para procurar o serviço médico em uma das unidades de saúde do governo do estado. Quando chegou, recebeu uma senha para internação com data para dois meses à frente da previsão do nascimento.

“Acho que o filhote não vai poder esperar não!”.

Eu fiquei revoltado com o atendimento médico da rede pública estadual, quando meus pais contaram esta história, mas procurei me controlar!

Proféticas palavras de minha sábia mãe! Alguns dias depois, ela entrou em trabalho de parto. Na favela não tinha nenhuma parteira que pudesse atendê-la. Chamaram o Corpo de Bombeiros e foi assim que eu nasci em uma viatura desta gloriosa instituição.

“É um lindo menino, pelo que vejo, deve ter uns quatro quilos!”, disse o Bombeiro para os meus pais.

E que nome dar ao lindo e forte bebê, um mulatinho? Meu pai era branco e minha mãe negra.

Meu pai havia recolhido no lixo um livro que falava de um grande Presidente do Brasil, um tal de Washington Luiz e gostou deste nome. Minha mãe deixou o nome a critério do meu pai. Ela estava mais interessada em amamentar seu filhote.

“Que nome vocês querem dar à criança?”, perguntou o Oficial do Registro Civil.

“Washington Luiz da Silva!”, disse meu pai com todo orgulho. Afinal de contas era o nome de um ilustre Presidente do Brasil!

“Como se escreve?”.

“Não sei não senhor!”.

Sem maiores explicações, meu pai saiu do Cartório com a minha Certidão de Nascimento, onde estava registrado o meu nome legal UÓCHITÃO LUIZ DA SILVA.

Eu fiquei revoltado com o meu nome errado, quando meus mais contaram esta história, mas procurei me controlar!

Meu pai teve que arrumar outro emprego, enquanto minha mãe tomava conta de mim em casa. Ele passou a trabalhar à noite, como Vigia de um depósito de material de construção. Assim, ele dormia com um olho aberto e outro fechado.

E eu passei a vida toda tendo que explicar esta origem do meu nome. Passei por apelidos como Uó, Chitãozinho, Chitão e Tom. Gostei mais deste último!

Eu me tranquilizei quando fiquei sabendo que alguns funcionários dos cartórios não têm o preparo que deveriam e praticam estas barbaridades. Só me consolei quando fiquei sabendo de outros nomes registrados, como: Maicoudiegue (Michael Jackson), Dionleno (John Leno), Uelinton (Wellington), Deividi (David), Craitom (Claytom), Marlim Monrói (Marilyn Monroe).

Mas, apesar de saber que poderia mudar meu nome na Justiça através de um processo de retificação de nome, eu não me interessei. Apesar de cansado de dar tantas explicações, acabei gostando do UÓCHITÃO mesmo. E isto, de certa forma, elevava o meu ego toda vez que eu tinha que explicar para a minha professora ou aos meus amigos a origem de meu nome.

Eu descobri, ainda, que havia muitos outros nomes estranhos de pessoas, registrados em cartórios de todo o Brasil. Estou mencionando alguns não para ridicularizar ninguém, mas sim de trazer uma pequena amostra da criatividade deste ‘povinho’ brasileiro. Os nomes foram coletados a partir de listas públicas, como uma relação de segurados com nomes estranhos, divulgadas pelo extinto INPS na década de 80.

Agrícola Beterraba Areia, Alce Barbuda, Amável Pinto, Amazonas Rio do Brasil Pimpão, América do Sul Brasil de Santana, Antonio Manso Pacífico de Oliveira Sossegado, Antônio Morrendo das Dores, Antonio Noites e Dias, Antonio Treze de Junho de Mil Novecentos e Dezessete, Antônio Veado Prematuro, Apurinã da Floresta Brasileira, Aricléia Café Chá, Ava Gina (em homenagem a Ava Gardner e Gina Lolobrigida), Benedito Camurça Aveludado, Carabino Tiro Certo, Caso Raro Yamada, Céu Azul do Sol Poente, Chevrolet da Silva Ford, Colapso Cardíaco da Silva, Comigo é Nove na Garrucha Trouxada, Deus É Infinitamente Misericordioso, Disney Chaplin Milhomem de Souza, Dolores Fuertes de Barriga, Espere em Deus Mateus, Éter Sulfúrico Amazonino Rios, Faraó do Egito Sousa,

Inocêncio Coitadinho, Isabel Defensora de Jesus, Janeiro Fevereiro de Março Abril, Joaquim Pinto Molhadinho, José Amâncio e Seus Trinta e Nove, José Casou de Calças Curtas, José Xixi, Letsgo Daqui (let's go), Magnésia Bisurada do Patrocínio, Manoel de Hora Pontual, Manoel Sovaco de Gambar, Manuel Sola de Sá Pato, Maria Privada de Jesus, Maria-você-me-mata, Napoleão Sem Medo e Sem Mácula, Necrotério Pereira da Silva, Otávio Bundasseca, Pacífico Armando Guerra, Padre Filho do Espírito Santo Amém, Pália Pélia Pólia Púlia dos Guimarães Peixoto, Primavera Verão Outono Inverno, Produto do Amor Conjugal de Marichá e Maribel, Restos Mortais de Catarina, Rolando Escadabaixo, Simplício Simplório da Simplicidade Simples, Última Delícia do Casal Carvalho, Um Dois Três de Oliveira Quatro, Vicente Mais ou Menos de Souza, Vitória Carne e Osso, Zélia Tocafundo Pinto. E ainda encontramos nomes dados a irmãos: Os irmãos Epílogo, Verso, Estrofe, Poesia e Pessoaína Campos; as irmãs Xerox, Autenticada e Fotocópia; os irmãos Cedilha, Vírgula, Cifra e Ponto; as irmãs Defuntina e Finadina; as irmãs Dialinda e Noitelinda. E tem uma mulher chamada Jafa Lei (fruto de um diálogo no cartório): “Qual o nome?”. “Já falei...”. E tem o caso de uma empregada doméstica, daquelas bem simples, que deu à filha o nome de Madeinusa. Quando uma pessoa da casa a indagou sobre o motivo do nome, ela respondeu inocentemente: “É que eu estava pegando suas roupas para lavar e li na etiqueta de sua camiseta a palavra ‘Made in USA’, eu achei tão lindo...”.

Eu me revoltei por todas estas pessoas que marcaram suas vidas com nomes estranhos e bizarros, dados em razão da ignorância de algumas pessoas e funcionários dos cartórios, mas procurei me controlar!

Eu me revoltei, ainda mais, quando um amigo meu começou a contar piadas, aproveitando o assunto que estávamos conversando, mas procurei me controlar:

Uma rádio estava selecionando um novo locutor e eis que o primeiro candidato é chamado:

- *Qual é o seu nome, por favor? Perguntou o entrevistador da rádio.*
- *Papapaulo dadada Sississilva!*
- *Desculpe, senhor! Mas, eu não posso contratar um gago para ser locutor!*
- *Eu não sou gago não, senhor! Gago era o meu pai! O oficial do cartório é que era um filho da mãe!*

E este meu amigo continuou:

Um torcedor do Corinthians foi registrar o filho no cartório todo animado:

- *Muito bem, que nome quer dar ao menino? Perguntou o oficial do cartório.*

- *Arquibancada do Timão! Respondeu o corintiano todo orgulhoso.*

- *Não, este nome não pode! A lei agora não permite nomes bizarros! Esclareceu o oficial do cartório.*

- *Como não permite? E por que tem o nome G-E-R-A-L-D-O-S-A-N-T-O-S? Questionou o corintiano indignado.*

Bem, esquecendo estas piadas infames e voltando às minhas origens. Apesar a origem simples e sem cultura de meus pais, eles mal sabiam ler e escrever, uma coisa eles não abriam mão e repetiam dezenas de vezes por dia:

“Filhote, lembre-se sempre de uma coisa em sua vida. Seja sempre bem intencionado em tudo o que fizer e honesto em suas ações!”.

E esta frase de meus pais passou a ser a minha própria consciência.

A vida na favela não era tão ruim. Mas, tínhamos que enfrentar constantes riscos e problemas. Nosso barraco foi destruído parcialmente em duas oportunidades por incêndios. Conseguimos fugir do local, mas nossas coisas que não queimaram foram todas roubadas pelos próprios moradores da favela, pessoas que acreditávamos ser nossos amigos. Isto revoltou muito meus pais. Eles viram vizinhos que consideravam como amigos invadirem o barraco queimado e roubarem o pouco que restou. A dor e a mágoa de meus pais por esta atitude dos seus supostos vizinhos amigos foram maiores do que a própria perda de algumas peças de roupas, um pequeno fogão e alguns pares de chinelos.

Eu era pequeno, fiquei revoltado com esta atitude dos vizinhos que meus pais acreditavam ser amigos, mas procurei me controlar!

Em outra ocasião, nosso barraco foi invadido pela polícia à caça de traficantes. Eles arrombaram nossa porta sem maiores cerimônias, vasculharam os objetos e jogaram tudo no chão. Uma vez, uma bala perdida matou o filho de nosso vizinho que dormia em sua cama. Meu pai tentou impedir clamando por respeito à sua família, mas um tapa de um tenente o

jogou no chão. A vergonha do meu pai perante mim e minha mãe foi maior do que a dor da agressão.

Eu fiquei revoltado com esta violência da polícia e a humilhação que infringiram ao meu pai, mas procurei me controlar!

Assim, a vida na favela era cheia de riscos. Um dia, um traficante entrou no barraco de um vizinho nosso. Este vizinho e sua esposa eram verdadeiros amigos da nossa família. Eles tinham cinco filhos, que minha mãe ajudava a cuidar com muita satisfação. Ela tinha algum tempo de sobra aos finais de semana. Atrás deste traficante vieram outros cinco traficantes procurando por ele. Quando eles bateram na porta meu vizinho foi atender e foi executado na hora com mais de 15 tiros. Os traficantes o tinham confundido com o traficante que procuravam. Estes, na confusão, fugiram sem ser notados. Minha vizinha ficou viúva tendo que sustentar seus cinco filhos.

Mais tarde, ficamos sabendo que os traficantes foram presos e suas famílias passaram a receber ajuda do Governo, um tal de auxílio reclusão. Minha vizinha e seus cinco filhos começaram a passar fome! Nenhuma comissão de direitos humanos veio visitá-la. Nenhuma emissora de rádio e TV procuraram por ela para ajudá-la. Nenhuma entidade profissional veio em seu socorro. Nenhum político propôs um projeto de lei para que as viúvas da violência também recebessem auxílio do governo para manter seus filhos, um tal que poderia se chamar ‘auxílio violência’!

Esta minha vizinha passou a ter que trabalhar em dobro nas faxinas das casas. Seus cinco filhos ficaram abandonados. Dois se entregaram ao tráfico de drogas, um foi praticar assaltos nas avenidas congestionadas de São Paulo na hora do ‘rush’, uma das meninas passou a ser ‘escrava sexual’ de um traficante poderoso na favela e a outra se entregou à prostituição a partir dos 12 anos de idade, saindo com motoristas de caminhão e turistas.

Eu fiquei revoltado com o desamparo desta família que perdeu o marido vítima da violência, o descaso de todos os que poderiam fazer alguma coisa por ela e o destino das crianças, mas procurei me controlar!

Ainda quando criança, eu fui ser engraxate, catador de latinhas de alumínio e papelão, catador de ferro velho, fiz carreto em feiras. Mas, nunca aceitei ofertas de pessoas que viviam nas favelas para levar ‘pacotinhos’ com encomendas para clientes que apareciam em carros de luxo na porta da favela, nem participei de grupos de garotos que iam para a cidade roubar bolsas das mulheres e produtos dos comerciantes.

Esta educação eu devo muito aos meus pais.

Entretanto, não raras vezes, o carreto com as compras da feira que eu fazia e que levava 45 minutos para chegar à casa da mulher era pago com algumas bananas e eu precisava de dinheiro.

Eu ficava revoltado com esta mesquinhez de minhas freguesas, mas procurava me controlar!

Aos oito anos de idade minha mãe achou que eu deveria estudar. Eu precisava aprender a ler e escrever. Como ela dizia: “Para não ser um burro com seu pai e sua mãe!”.

E todos na favela ficaram contentes quando a prefeitura inaugurou uma escola de lata. Ela tinha somente uma classe e uma professora. Mas, estava muito bom! Eu podia ir a pé para a escola de manhã e continuar catando minhas coisas no lixo à tarde para ganhar uns trocados para minha mãe. Nós já tínhamos até televisão e um rádio, além do fogão! Mais para frente eles compraram até uma geladeira. Minha mãe voltara a trabalhar na faxina das casas.

Minha mãe chegou a engravidar de uma menina e estava muito contente. Para nossa surpresa, ela até conseguiu uma senha para ter o parto no hospital público. Mas, minha irmãzinha não resistiu e morreu de uma infecção contraída no próprio hospital. Nunca mais minha mãe engravidou novamente.

Eu fiquei revoltado pela morte de minha irmãzinha e tantos outros bebês que morrem de infecções nas maternidades, mas procurei me controlar!

Meus pais resolveram que morar na favela também não daria futuro. Os riscos eram muitos e a má influência dos traficantes que mandavam em tudo era muito ruim para mim. Apesar de tudo, eles sonhavam com um grande futuro para mim!

Meu pai tinha juntado R\$ 2.000,00 e ele soube que tinha apartamentos para revenda em uma cooperativa habitacional com uma entrada neste valor e o pagamento em 30 anos a uma prestação razoável, apesar de alta. Ele teria que pagar prestações de R\$ 75,00 por mês. Como os donos dos apartamentos não podiam revender as unidades, foi inventado um tal de ‘contrato de gaveta’. Por este contrato, o titular do imóvel cedia seus direitos e se comprometia a transferir o apartamento para o nome do novo

comprador depois de decorrido o prazo de 30 anos. Este contrato era muito comum, apesar de não ser aceito pelo Governo.

Mas, ao mesmo tempo em que facilitava a transação, este contrato permitia que o titular do imóvel desse golpe em pessoas ingênuas e inocentes. E foi o caso do meu pai. O dono do apartamento na cooperativa habitacional pegou os R\$ 2.000,00 de meu pai, assinou o ‘contrato de gaveta’ e desapareceu. Quando meus pais foram tomar posse do imóvel ficaram surpresos ao ver que o apartamento já estava sendo habitado por outro morador que, também, comprara do titular do imóvel. Após alguns dias, mais cinco compradores apareceram, todos reivindicando a posse do apartamento. Meu pai logo percebeu que entrara em um ‘conto do vigário’.

Chegou até a procurar um advogado, mas preferiu desistir. Um advogado da justiça gratuita e de muito má vontade disse que o processo para resolver isto tudo seria muito complicado, envolvia várias pessoas, um réu desaparecido e levaria muitas décadas para uma eventual solução.

Eu fiquei revoltado pelo golpe dado por este estelionatário e o prejuízo causado aos meus pais, além da lentidão da Justiça, mas procurei me controlar!

E continuamos morando na favela por mais um tempo.

O novo plano da família era, agora, juntar um dinheirinho novamente para comprar um terreno no bairro Vila das Belezas e construir uma edícula nos fundos. Lá, quem sabe, eu poderia até ter o meu quarto!

Assim, eu cresci e completei meus 18 anos. Estava na hora, agora, de arrumar um emprego de verdade. Até então, eu catava latinhas de alumínio nas ruas e outros materiais recicláveis para ganhar algum dinheiro. Como eu tinha estudado quase o primeiro ciclo completo e até sabia um pouco de computação, procurei um trabalho como Auxiliar de Escritório em uma das empresas da região. Meu pai costumava falar que o futuro é trabalhar no escritório de uma empresa.

Era minha primeira entrevista de emprego, eu não tinha experiência de como me comportar. Mas, uma coisa eu tinha certeza - tinha que causar a melhor das impressões.

Até hoje eu me lembro da entrevista de seleção:

Entrevistador - Então, você está construindo uma ‘networking’.

Eu - Eu ainda não construí nada não, senhor. Veja bem, eu estou querendo mais é arrumar meu primeiro emprego e trabalhar!

Entrevistador - Como você administra a pressão?

Eu - Ah, tranquilo. Sou muito jovem para ter problemas de pressão!

Entrevistador - Manter sempre o foco é muito importante. E me parece que você tem alguns lapsos de concentração.

Eu - O senhor poderia repetir a pergunta?

Entrevistador - Como você se sente trabalhando em equipe?

Eu - Bom, desde que não tenha ninguém dando palpíte, me sinto muito bem.

Entrevistador - Como você se definiria em termos de flexibilidade?

Eu - Ah, sem problemas! Eu sempre trabalhei no pesado e joguei futebol. Sou capaz de encostar o cotovelo na nuca.

Entrevistador - Nós somos uma empresa que nunca para de perseguir objetivos.

Eu - Que ótimo. E vocês já conseguiram prender algum?

Entrevistador - Vejo que você demonstra uma tendência para discordar.

Eu - Discordo do senhor!

Entrevistador - Em sua opinião, quais seriam os atributos de um bom líder?

Eu - Ah, são várias coisas. Mas a principal é ter liderança.

Entrevistador - Quais seriam seus pontos fracos?

Eu - Ah, é o joelho. Até tive de parar de jogar futebol por uns tempos.

Entrevistador - Há alguma pergunta que você queria me fazer?

Eu - Eu parei minha bicicleta lá na rua. Será que não vão roubá-la?

Entrevistador - Por que, dentre tantos candidatos, nós deveríamos contratá-lo?

Eu - Eu pensei que responder a isto fosse seu trabalho.

Entrevistador - Como você pode contribuir para melhorar nosso ambiente de trabalho?

Eu - Bem, eu começaria trocando a recepcionista, que é muito feia.

Entrevistador - Várias pessoas que se sentaram aí nessa mesma cadeira hoje são gerentes.

Eu - Puxa, o fabricante da cadeira vai ficar muito feliz em saber disso.

Entrevistador - Quando digo 'sucesso', qual a primeira palavra que lhe vem à mente?

Eu - Pode ser em duas palavras?

Entrevistador - Pode.

Eu - Encher o bolso de grana.

O entrevistador ficou me olhando por vários minutos sem falar nada, como se estivesse em dúvida se eu o estava gozando ou sendo sincero em minhas respostas. Até que ele quebrou o silêncio e falou:

- Meu rapaz, você quer um conselho?
- Certamente que sim, senhor!
- Esqueça o cargo de Auxiliar de Escritório e vá trabalhar na picareta!

Assim, meu sonho de trabalhar no escritório foi por água abaixo.

Eu fiquei revoltado por não conseguir o emprego de Auxiliar de Escritório e pela forma como o entrevistador me tratou, mas procurei me controlar!

Mas, eu precisava trabalhar e, enquanto o sonhado emprego de trabalhador na picareta não aparecia, eu aceitei alguns trabalhos temporários. Em um deles, eu fui contratado para ser, como disse o patrão, 'um profissional de suporte de marketing na venda de apartamentos de alto padrão'. E, apesar de muito importante, o trabalho não era difícil e me rendia R\$ 20,00 por dia. Dava para comprar um marmitex e, ainda, levar R\$ 15,00 para casa. Eles me colocaram uma peruca com cabelos vermelhos de plástico na cabeça e tudo o que eu tinha que fazer era segurar uma placa nas esquinas movimentadas de São Paulo, com uma seta indicativa: 'Apartamento de 4 dormitórios. Alto padrão'. Entretanto, eu tinha que balançar a placa mostrando a direção do prédio o tempo todo. Cansava muito o braço. Mas, infelizmente, os apartamentos foram todos vendidos e eu perdi o emprego tão bom de 'profissional de suporte de marketing na venda de apartamentos de alto padrão'! De qualquer forma, fiquei contente em me livrar da peruca vermelha que esquentava muito minha cabeça. Além disto, eu já não estava aguentando as gozações que as pessoas faziam comigo quando passavam de carro.

Eu fiquei revoltado em perder este emprego, o melhor trabalho que tivera até então, mas procurei me controlar!

Finalmente, surgiu o emprego mais definitivo e que mudaria minha vida. Uma placa em uma obra anunciava: ‘Precisa-se de jovens fortes para trabalhar na picareta’.

E foi assim que iniciei minha carreira no ramo da construção civil. Segui a orientação do entrevistador. Afinal de contas, ele era uma pessoa que sabia analisar a vocação de cada um, era uma pessoa formada e preparada. Fui trabalhar na picareta em uma empresa de construção que abria valetas para canos de água, de gás, de esgoto e outros tipos de tubulações.

O trabalho era muito pesado. Eu ficava mais de oito horas por dia cavando com uma picareta pesada, me arcando e tomando impulso centenas de vezes, Mas, Deus é grande! Apesar do esforço, eu comecei a desenvolver um belo físico e isto me dava confiança, além de chamar a atenção das moças. Com o tempo o corpo foi se acostumando, as feridas nas mãos cicatrizaram, as dores musculares cessaram. E comecei a ganhar o meu dinheiro próprio. Além de ajudar meus pais, sobrava um tanto para mim. Pude começar a sonhar em trocar a bicicleta por uma moto.

Entretanto, eu não recebia tudo que imaginava. O Monitor de Obra, quando trazia os envelopes com o pagamento em dinheiro, ficava com uma parte para ele, a título de ‘contribuição para o leite das crianças’, como ele dizia. Todos achavam isto desonesto, mas ninguém se atrevia a reclamar depois que dois que o fizeram foram dispensados sem qualquer indenização.

Este trabalho parecia mais com o trabalho escravo. A vida era dura de sol a sol, tínhamos uma refeição fria e pobre, usávamos um banheiro sujo feito com tábuas e lona.

Eu fiquei revoltado com esta atitude desonesta do Monitor de Obra, mas procurei me controlar!

De qualquer forma, o que sobrava dava para minhas despesas e ajudar meus pais na construção da edícula no terreno que, finalmente, eles conseguiram comprar na Vila das Belezas. E, adivinhem só? Eu teria o meu próprio quarto!

E, passados alguns anos, meus pais conseguiram juntar o tão sonhado dinheirinho para construir uma edícula nos fundos. Nossa! Seríamos donos de nossa própria casa. Até hoje eu me lembro da alegria de meu pai quando

ele chegou com um papel com muitas assinaturas e carimbos que lhe dava uma aparência de 'coisa boa'. Meu pai já tinha levantado as paredes e coberto com um telhado. Faltava apenas o acabamento da tão sonhada edícula.

Mas, uma manhã, o loteamento foi cercado por muitos homens da polícia, com cavalos, cachorros e máquinas pesadas. Um oficial da PM informou os moradores que todos deviam deixar a área por que o loteamento era clandestino e o legítimo proprietário conseguira a reintegração de posse do imóvel na Justiça. Meus pais tentaram ainda uma reação, mas viram que nada podiam fazer. Meus pais se retiraram e viram os vizinhos que reagiram levar porradas, mordidas, coices.

Nada adiantou. As máquinas derrubavam todos os barracos e casas em construção. Assim, uma vez mais, meus pais viram o sonho da casa própria virar um pesadelo. Desistiram deste projeto e alugaram uma pequena casa com três cômodos no próprio bairro Vila das Belezas, sempre com a fé de que o que ocorrera era mais um desafio de Deus para que aprimorassem seus espíritos e fortalecessem suas esperanças em uma vida melhor. Assim, dizia sempre o Padre.

Eu me lembrei de um trecho da música composta por Adoniran Barbosa, com a letra de João Gilberto, Saudosa Maloca, que dizia:

...

Foi aqui, seu moço, que eu, Mato Grosso e o Joca

"Construímo" nossa maloca

Mas, um dia, "nóis" nem pode se "alembrá"

Veio os "home" co'as "ferramenta"

O dono "mandô derrubá"

"Peguemo" todas nossas coisa'

E "fomo" pro meio da rua"

Apreciá" a demolição

Que tristeza que "nóis sentia"

Cada "táuba" que caía

Doía no coração

Mato Grosso quis "gritá"

Mas em cima eu falei

Os "home" tá co'a razão

"Nóis arranja" outro "lugá"

Só se "conformemo"

Quando o Joca falou

"Deus dá o frio conforme o 'cobertô"

...

Grandes poetas populares o João Gilberto e o Adoniran Barbosa!

Eu fiquei revoltado por mais este golpe de estelionatários e a com a demolição da casa de meus pais, mas procurei me controlar!

Após dois anos trabalhando na picareta, eu consegui juntar um dinheiro para dar entrada em uma moto nova. Possuir uma moto nova era tudo que um rapaz de minha idade poderia desejar. Assim, eu poderia me deslocar para o trabalho que cada mês era em um local diferente, com facilidade e custos baixos.

Eu não dormi no dia em que este sonho se tornou realidade. Era uma linda moto, toda azul, novinha em folha. Na Vila das Belezas eu comecei a fazer o maior sucesso. E consegui até arrumar uma namorada. Eu a conheci em um baile 'funk' e ela era considerada uma das melhores dançarinas desta música. Sabia todas as letras e todos os passos. Eu, como sempre muito inibido, me deixava levar pela desenvoltura que ela tinha e até arriscava uns passos com ela no baile. Particularmente, eu gostava do ritmo, mas não gostava muito das letras das músicas. Em casa, minha mãe não deixava a gente falar palavrões.

Entretanto, eu via todo mundo cantar aquelas músicas que acabei achando tudo normal. Ela dizia que se sentia segura ao meu lado e que o meu porte físico me dava respeito junto aos homens frequentadores do baile. E isto eu devia à picareta. Minha altura de 1,83 m. com uma boa envergadura de ombros, braços e pernas musculosas, imponham um respeito, apesar de que eu nunca fui de briga. Ah santa picareta! Quando eu via o baile 'pegar fogo' com brigas de gangues, eu simplesmente me retirava. Mas, um dia, a briga foi tão feia que a polícia prendeu todos que estavam no baile. Passei a noite na cadeia para desespero de meus pais. Eu era trabalhador, honesto e bem intencionado. Mas, isto não valeu muito naquela hora. Foi tudo mundo em cana! Sem nenhuma culpa, acabei sendo fichado na polícia como 'desordeiro'.

Eu me revoltei em ser acusado injustamente de desordeiro e fichado na polícia, mas procurei me controlar!

Também meu namoro não durou muito. Esta minha primeira namorada era muito fuleira e minha mãe não gostava dela. Eu a achava muito divertida, mas não a via como uma esposa. Mas, o que me desagradou mesmo foi quando, em um destes bailes, ela entrou no 'trem da Zuzu'. Este trem nada mais era do que homens e mulheres dançando juntos em um cordão, bem agarrados uns aos outros, sendo que as mulheres roçavam seus bumbuns

nos homens, enquanto dançavam. Eu achava estranho minha namorada fazer isto. Mas, como todas as moças também iam neste embalo, me restou aguardar em um canto até a música terminar e o ‘trem da Zuzu’ chegar à estação inicial. A música até que era alegre, mas a letra era muito feia. Ela dizia algo assim:

*Eu sou muito boazuda
Pr´a namorar um cabeção.
Sou rainha popozuda
Eu prefiro cachorrão.*

*Tiriri, Tiriri, Tiriri
Eu não quero cabeção.
Tiriri, Tiriri, Tiriri
Eu prefiro cachorrão.*

Apesar do ‘trem da Zuzu’ estar muito alegre e empolgado, para mim este foi o final do namoro. Não precisou dizer nada a ela. Ela simplesmente sumiu no baile no meio do cordão, cantando, dançando e roçando o seu bumbum nos homens. Mais tarde eu fiquei sabendo que minha namorada nem ligou para o fim do namoro. Ela disse que eu era muito ‘cabeção’ e que ela preferia um os ‘cachorrão’.

Eu fiquei revoltado com este comportamento de minha namorada funkeira e as letras vulgares destas músicas barulhentas, mas procurei me controlar!

Eu estava com minha moto nova há dois meses e eu já tinha quitado duas das 36 prestações. E como era bom ir trabalhar sem depender de ônibus, trens e metrô, sempre lotados. Porém, minha alegria durou pouco. Um dia, voltando para casa, quando parei no semáforo, um motoqueiro com outro na garupa, empunhando um revólver, me pediu a moto, senão metia uma bala na minha cabeça. Mas, que classe desunida! Bem, eu preferi ficar com minha cabeça inteira e com as 34 prestações restantes da moto. Afinal de contas, andar de bicicleta ou voltar ao transporte público, não era tão ruim assim. Mas, uma coisa eu pus na cabeça. Um dia, vou ter o meu próprio carrinho!

Eu fiquei revoltado com esta violência, pela facilidade que os ladrões levaram minha moto e pelo prejuízo que tive que arcar por vários anos, mas procurei me controlar.

De certa forma, minha mãe gostou que eu deixei de ser motoqueiro por uns tempos. Ela ouvia todos os dias na televisão notícias de mortes de motoqueiros nas estradas. E temia por minha vida.

Eu sempre procurei ser um bom trabalhador. Não brigava, não criava problemas com o patrão, cumpria minhas obrigações em conversas no serviço, não reclamava de nada, nem quando meu pagamento vinha errado. E conseguia abrir dezenas de metros de valetas todos os dias, o que me valeu o apelido dos colegas de ‘picareta de ouro’!

A construtora descobriu que o Monitor de Obra estava desviando o dinheiro dado para a compra de marmitas para os trabalhadores e resolveu dispensá-lo. E precisavam de um novo Monitor de Obra. E, assim, eu tive a grande oportunidade de minha vida. Fui promovido para Monitor de Obra. O patrão deixou bem claro o meu papel: minha função era olhar os outros trabalhadores pegar na picareta, cuidar para que fizessem tudo direitinho, terminassem o serviço no prazo e com qualidade, não perdessem tempo em conversas ou muitas idas ao banheiro, anotar o ponto, informar o departamento de pessoal sobre faltas e atrasos e processar o pagamento. Aliás, quando fiz o primeiro pagamento os colegas perguntaram se eu, também, não iria cobrar a ‘contribuição para o leite das crianças’. Eu disse que não. Assim, todos começaram a gostar muito de minha supervisão e o serviço passou a render além da média, para alegria dos patrões.

O Engenheiro Civil um dia, tomando um cafezinho comigo no intervalo, disse sobre sua satisfação com o meu trabalho e que eu deveria continuar meus estudos e, quem sabe, se formar em Engenharia Civil também!

Foi um incentivo muito grande e eu tive o total apoio de meus pais. Fiz exames para concluir o segundo ciclo e me preparei para o vestibular. Eu estudei dia e noite, nos intervalos das refeições, no transporte público, aos finais de semana. Como eu não tinha dinheiro para pagar o cursinho preparatório para o vestibular, eu procurava alunos que terminaram o cursinho e consegui muitas contribuições de livros e apostilas. Como se diz na gíria, eu até tentei me tornar um CDF.

Mas, as faculdades de engenharia me ofereciam duas alternativas: as pagas, e eu não tinha dinheiro para pagar as altas mensalidades, e as públicas gratuitas, mas minha formação em escolas de lata não me deram condições de competir com outros alunos ricos que puderam pagar o cursinho preparatório. Cheguei a prestar os exames vestibulares por três anos seguidos em faculdades públicas, sem sucesso. Alguns colegas de vestibular,

mulatinhos como eu, chegaram até a sugerir na época que o Governo deveria criar cotas para facilitar o ingresso de negros nas universidades.

Particularmente, eu não gostei muito da ideia. Não achei justo que um aluno com mais pontos nas provas do que outro, que pudesse estar beneficiado pelas cotas, não ingressasse na faculdade. Com certeza, isto repercutiria no nível do formando e acirraria ainda mais a discriminação. Mas, fiquei sabendo, na ocasião, que o Governo estudava com muito interesse esta possibilidade. Eu acho que, independentemente de credo, raça e religião, todos são iguais perante a lei, como reza a própria Constituição do Brasil. Nós, afro-brasileiros, temos que nos esforçar mais, estudar muito para competir com os demais em talento e capacidade e não com protecionismo.

Enfim, tive que deixar os meus planos de um curso superior em Engenharia Civil para outra fase de minha vida. Talvez...

Eu me revoltei por descobrir que não tinha preparo para ingressar em uma faculdade pública gratuita, mas procurei me controlar!

Bem, eu procurei esquecer este plano de ingressar na faculdade. Afinal de contas eu já ocupava um cargo importante de Monitor de Obras e decidi concentrar os meus esforços para melhorar as condições da casa que alugamos na Vila das Belezas e da comunidade. Meus pais alugaram uma casa com um quintal relativamente grande, ele tinha por volta de 500 m². E na frente de nossa casa havia uma área de terreno abandonada, cheia de entulhos e lixo. Diziam que a prefeitura faria ‘um dia’ uma bela praça no local. Mas, cheio de energia e boa vontade, reuni dois vizinhos de bom caráter, honestos, trabalhadores e bem intencionados e combinamos limpar o terreno e melhorar as condições do local.

Foram dias e dias retirando os entulhos com carrinho de mão, jogando-os em ruas lamacentas próximas. Assim, estaríamos promovendo, igualmente, melhores condições de tráfego. Passamos vários finais de semana fazendo isto, até que a praça ficou limpa. Em seguida, conseguimos de um viveiro municipal mudas de árvores frutíferas e de flores. Plantamos, nada mais nada menos, que 80 árvores no local. Para evitar que o vento as derrubasse e para protegê-las fizemos estacas com cabos de vassouras. A praça ficou muito bonita e tínhamos a certeza de que em três anos as árvores já estariam dando frutos e flores, o que atrairia muitos pássaros para o local. Belo sonho, boa realização. Eu e os meus dois vizinhos que ajudaram até fizemos um churrasco para comemorar.

Mas, infelizmente, esta nossa iniciativa somente serviu para nossa frustração e motivo de discussão com os demais moradores. Tão logo terminamos o nosso trabalho, os moradores voltaram a jogar lixo e entulho, cobrindo e matando muitas das árvores plantadas. As estacas foram retiradas para lenha ou brincadeiras das crianças. Os pássaros foram cantar em outra freguesia.

Eu fiquei muito revoltado com esta atitude de meus vizinhos pela falta de senso comunitário e de educação, mas procurei me controlar.

Bem, mas restava, ainda, o terreno grande de minha casa. Ali era o meu domínio, tinha cerca com arame farpado. Assim, resolvi desenvolver por minha conta um pomar com o mesmo objetivo de atrair os pássaros. Plantei diversos pés de bananeiras, abacate, amora, goiaba e caqui. Eu tinha a certeza de que daria para a família comer as frutas e, ainda, sobraria muito para os pássaros. O tempo passou e, em dois anos, os primeiros frutos já apareciam nos pés das bananeiras e goiabas. As demais árvores ainda cresciam.

Entretanto, alguns moradores do local deram mais uma demonstração de falta de educação e cidadania. À noite, eles passaram a entrar no meu quintal e roubavam os cachos de bananas e tiravam as goiabas ainda verdes. Muitas delas, ainda pequenas, eu encontrava no chão. Eu não me conformava. As casas dos moradores tinham terrenos grandes também. Mas, ninguém plantava nada, não se interessa em fazer uma horta, plantar uma única bananeira. Era mais fácil para eles entrar no meu quintal e roubar minhas frutas. Uma vez mais eu vi meus esforços de uma comunidade melhor ir por água abaixo. Os pássaros também.

Eu me revoltei com esta atitude dos moradores de não tentarem melhorar suas próprias casas e preferirem roubar as minhas frutas por ser mais fácil, mas procurei me controlar.

E foi com estas experiências que eu comecei a fazer uma análise sociológica: a comunidade era dividida em dois tipos de moradores. De um lado, o 'povinho' e do outro lado os 'cidadãos'. E, pelo menos no bairro onde eu morava, o 'povinho' era em uma quantidade muito maior do que os 'cidadãos'. Ficava visível para mim que o 'povinho' gostava de viver no lixo, não se incomodavam de ver entulhos espalhados por todos os lados, roubavam frutas dos vizinhos. Era assim que eles gostavam de viver no bairro. E, pasmem se quiser, culpavam o Governo o tempo todo pela sujeira e poluição que eles mesmos faziam! É certo que o Governo estava devendo a praça há muitos anos. Mas, culpar o Governo por tudo de errado que eles mesmos haviam feito não estava certo!

Já, por outro lado, os ‘cidadãos’ não desistiam e tentavam levar uma vida honesta, melhorar sua casa, dar um destino adequado ao lixo e ao entulho, plantar árvores para melhorar o ar e servir de abrigo e alimento para os pássaros. Mas, não era fácil ser um ‘cidadão’ cercado de um ‘povinho’ por todos os lados. Assim, alguns ‘cidadãos’, quando tinham condições e recursos, mudavam-se para bairros onde podiam encontrar uma situação mais favorável, convivendo com outros ‘cidadãos’, apesar de sempre estar presente o ‘povinho’. Eu pensei: “É assim que foram nascendo os bairros diferenciados! Cada um procura a sua turma para maior bem estar e segurança”.

No começo, eu até cheguei a pensar que a diferenciação entre ‘povinho’ e ‘cidadãos’ podia estar relacionada ao poder aquisitivo, ou seja, quanto menor o poder aquisitivo, maior tendência a ser ‘povinho’ e quanto maior este poder aquisitivo a tendência seria maior seria em ser ‘cidadãos’.

Mas, posteriormente, a vida me mostrou que eu estava errado nesta minha conclusão inicial...

Como Monitor de Obras eu já ganhava um salário um pouco acima dos trabalhadores na picareta. Assim, ao invés de receber o pagamento através de envelopes com dinheiro dentro, a empresa abriu uma conta bancária para mim. ‘Nossa, meus pais vão ficar orgulhosos quando souberem disto!’. Pensei. Agora eu teria o meu próprio talão de cheques. Quanto orgulho! E, apesar de não ter solicitado ao banco, em seguida recebi um cartão de crédito. Eu não pensava em usar cartão de crédito naquele momento em que já havia me comprometido com vários compromissos mensais de dívidas.

Entretanto, confesso que senti certo prestígio ao receber o cartão de crédito. Era como uma prova de bom pagador, de pessoa honesta. Aí pensei até em começar a usá-lo. E fui ganhando experiência no uso do cartão de crédito. A primeira coisa que descobri é que você não pode usá-lo, como eu fiz, sem um tal de desbloqueio. Depois da vergonha que passei no mercadinho perto de casa, quando tive que devolver minhas compras porque o cartão de crédito não fora aceito, eu fiz o desbloqueio. Apesar de inseguro e hesitante, fiz a segunda compra com o cartão de crédito. E, desta vez, felizmente, deu tudo certo. Eu comprei coisas que ia usar agora para pagar somente depois de 30 dias. Isto era bom demais! E logo comprei mais coisas para pagar depois de 30 dias. Algumas, até que eu nem precisava. Estava gostando da ideia - comprar agora e pagar depois! Até que chegou a fatura para pagamento, vencidos os 30 dias.

Aí, descobri mais uma coisa - não tinha dinheiro para pagar! Mas, vocês sabem? Quando você não tem dinheiro para pagar, o próprio cartão de crédito empresta o dinheiro e parcela o pagamento. A empresa do cartão de crédito é muito boa, não? Assim, foi se formando uma bola de neve - eu comprava agora para pagar depois de 30 dias, eu não tinha dinheiro e eles emprestavam mais dinheiro. Foi quando eu descobri que os juros cobrados simplesmente dobravam minha dívida. Era como comprar uma coisa e pagar duas delas. E a gente vai aprendendo nesta vida. O pessoal do cartão de crédito não era tão bonzinho como eu pensava, não. E dizem que a desgraça nunca vem sozinha.

Apesar de ter parado de comprar com o cartão de crédito, as faturas para pagamento continuaram vindo e com compras que eu nem fiz! Como pode? Até em outras cidades eu estava fazendo compras que eu não sabia! Fiquei apavorado. Fui ao banco reclamar. Lá em fiquei sabendo que o meu cartão de crédito fora clonado. Eles me explicaram o que era isto, mas eu não entendi direito. Falaram que alguém copiou o meu cartão de crédito no mercadinho perto de casa. Furioso, fui falar com o 'seo' Fernando Português, dono do mercadinho. O patrício sempre foi muito honesto.

Finalmente, descobrimos que um dos funcionários fora assediado por bandidos para instalar um equipamento que clonava os cartões de crédito e que os bandidos pagavam para ele, nada mais nada menos, que R\$ 100,00 por dia. Para o caixa do mercadinho, que ganha R\$ 25,00 por dia, esta foi uma tentação que ele não conseguiu resistir.

Inclui mais estes caixas desonestos na minha lista de 'povinho'. Os bandidos já estavam na lista há tempo. Eu não quis mais o cartão de crédito e jurei nunca mais ter cartões de crédito.

Eu me revoltei com as regras das empresas de cartão de crédito, com os juros exorbitantes que cobram, com os funcionários dos estabelecimentos comerciais que se mancomunam com bandidos para clonar cartões de crédito, mas procurei me controlar!

Um dia, no serviço, eu fui procurado pelo Engenheiro-Chefe que me fez uma nova proposta:

- Uó (este era o meu apelido na construtora!), nós temos outra oportunidade de emprego para você no Setor de Armação, o que monta as estruturas de ferro para colunas de concreto. O salário é um pouco maior, mas é um serviço que pode lhe dar melhores condições de progresso profissional.

- Mas, senhor. Aqui eu já não sou Monitor de Obra e lá eu vou ser o que?
- Você será Armador. Com o tempo, após você adquirir experiência, você pode passar para Oficial de Armação ou mesmo um Monitor de Armação.
- Senhor, se acha que é melhor para mim, eu aceito!

Na verdade, eu já estava um pouco cansado, não fisicamente, do trabalho de Monitor de Obra para abertura de valas à picareta. O trabalho era muito parado, eu ficava somente vendo os colegas dar duro, enquanto eu anotava isto e aquilo. Eu era muito jovem e gostava de movimentar o meu corpo.

No novo serviço, eu tive que fazer curso de Leitura e Interpretação de Desenho e Técnicas de Serralheria. Isto para poder ler as plantas das estruturas e construir as armações. Eu trabalhava em grandes canteiros de obras de construção de prédios de apartamentos e escritórios, com milhares de colegas. Eu não conseguia conhecer todos, apenas os que trabalhavam no Setor de Armação. Mas, tinha um rapaz que se tornou um grande amigo meu, o Tonho. Ele era um baiano legítimo, vindo da Bahia há pouco tempo, solteiro e que trabalha muito e aceitava todas as oportunidades de horas extras para poder sustentar seus pais na Bahia. Eu falo baiano legítimo por que todos os que trabalham em obras em São Paulo são chamados de 'bairanos'. Os pais do Tonho eram muito velhos, não tinham aposentadorias e dependiam do dinheiro dele para comerem. E nisto estava a força de Tonho para ser um grande trabalhador. E Tonho não recusava serviço. Ele dizia que "é fazendo que a gente aprende!".

E foi neste esforço de aprender que Tonho aceitou um trabalho para rebocar parede no alto de um prédio, pendurado em uma plataforma que era movimentada por cabos de aço e motores. E, um dia, todos viram a plataforma despencar com Tonho e mais dois colegas do acabamento de paredes.

Eu fiquei muito revoltado com as condições de segurança da construção civil e as mortes que deixam tantas famílias desamparadas, mas procurei me controlar!

Perdi meu melhor amigo, o Tonho, e não sei como seus pais passariam a viver dali para frente.

Mas, felizmente, uma boa notícia. O Engenheiro-Chefe me promoveu para Monitor de Armação. E minha carreira na construtora não parou por aí. Alguns anos depois, eu fui promovido para Mestre de Obra e, neste novo cargo, poderia ser o principal auxiliar do Engenheiro-Chefe.

Tudo ia bem. Mas, uma coisa que me incomodava era o número de faltas dos trabalhadores e estas faltas atrapalhavam muito o bom andamento dos serviços. E estes trabalhadores tinham motivos – estavam doentes. Pelo menos, era o que comprovava os atestados de saúde que eles traziam. E o número de faltas crescia e eu fui colecionando os atestados de saúde e pude perceber que eram iguais, sempre com os mesmos motivos médicos e com a mesma assinatura do médico. Mas, um dia eu vi dois de meus empregados fazendo bico em outra obra, exatamente no dia em que faltaram por problemas médicos. Fiquei intrigado! Como pode isto? E não demorou muito para descobrir que os atestados médicos eram falsos, vendidos com a maior facilidade nas ruas de São Paulo. Cheguei até abordar um homem com uma placa na Praça de Sé com os dizeres: ‘Atestados de Saúde feitos na hora’. Deixei o caso com o advogado trabalhista da construtora para providências contra estes empregados. Ele até chegou prestar queixa contra este sistema de atestados de saúde falsos vendidos livremente nas ruas, mas este processo não deu em nada. Minha lista de ‘povinho’ crescia com a inclusão destes trabalhadores desonestos e as pessoas que atuam neste esquema criminoso.

Eu me revoltei com estes trabalhadores desonestos que se utilizam de atestados de saúde falsos para tirarem vantagens, com os criminosos que agem impunemente neste mercado negro e pela falta de ação da polícia, mas procurei me controlar!

E eu ia tocando minha vida.

Meus pais se orgulhavam muito de mim. Mas, estavam cansados de morar na Vila das Belezas. Nossa casa já havia sido assaltada por duas vezes, uma delas com meus pais dentro. Eles sofreram muito e tiveram medo de morrer nas mãos dos bandidos. Além do mais, a periferia abrigava vários ladrões e assassinos que se misturam aos muitos moradores. Eles não queriam ficar mais lá. Assim, resolvemos que o melhor seria procurar uma pequena cidade do interior de São Paulo, comprar um terreno e fazer, finalmente, nossa primeira casa. Mas, já sabíamos que a documentação deveria estar perfeitamente em ordem.

Eu fiquei revoltado com os assaltos à casa dos meus pais e o nível de bandidagem no bairro, mas procurei me controlar!

Assim, lá se foram meus pais morarem na pequena cidade de Vargem, em São Paulo. Deu certo de comprar o terreno. Meu pai cuidou para ver se os vendedores eram de fato os donos, se as assinaturas estavam corretas, foi ao registro civil confirmar se o terreno estava regularizado. Enfim, estava tudo em ordem. Porém, a construção deu alguns problemas. Apesar do meu pai ter uma planta básica de casa popular aprovada pela Prefeitura, um fiscal insistia em receber propina para aprovar o andamento da obra. Meu pai quase saiu no tapa com ele. Mas, minha mãe controlou a situação.

Ao final, o fiscal vendo que ‘daquele mato não sairia coelho’ demorou, mas acabou concedendo a aprovação para o andamento da construção. Bem, finalmente deu certo de construir uma edícula nos fundos, com dois quartos. Assim, eu teria o meu próprio quarto quando fosse para casa aos finais de semana. Durante a semana, eu dormia nos alojamentos da construtora.

Eu fiquei revoltado com o fiscal que exigia dinheiro de meus pais para aprovar o andamento da obra, mas procurei me controlar! Eu fiquei imaginando quantas obras irregulares são aprovadas por estes fiscais beneficiados com propinas. Talvez seja por isso que tantas construções desabam depois de algum tempo.

E, acreditem se quiser, resolvi aprender a dirigir! Eu precisava comprar um carro para poder viajar todos os finais de semana para Vargem.

Como eu tinha algumas prestações pendentes da moto que me roubaram, eu somente podia pensar em comprar um carro já usado, algo como cinco anos de uso. E fui pesquisar nas lojas de carros usados. E acabei gostando de um corsa cinza. O vendedor me garantiu que o carro era de um único dono, que a mecânica estava 100%, que a quilometragem de 48.000 km era original e que tudo estava funcionando bem. Ele me parecia um senhor de muita confiança. Usava gravata (eu confiava muito em homens que usavam gravatas!), tinha um escritório bem montado e a loja ficava próxima de uma estação do metro onde passavam muitas pessoas. Eu dei uma entrada e assinei um contrato para pagar o restante em 24 prestações. Agora era somente aprender a dirigir e surpreender os meus pais no interior com a novidade.

O carro foi entregue no estacionamento em um carro reboque. Eu estranhei, mas eles falaram que isto era normal. E lá ficou o carro no estacionamento da construtora por 30 dias até eu aprender a dirigir. Mas, o dono da loja me alertou para que eu ligasse um pouco o carro todos os dias e isto eu sabia fazer. Ele custava a pegar, era um carro a álcool, mas depois de várias

tentativas ele pegava e eu deixava o motor funcionando por 5 minutos. Não via a hora de ter minha carta de habilitação e colocar o carro na estrada.

E foi numa destas tentativas de ligar o carro que ele não pegou mais. Na hora do almoço chamei um mecânico e ele me informou que tinha que levar o carro para a oficina. Poderia ser bateria, velas, carburador, correia, motor de partida, pane elétrica e tantas outras coisas que eu sequer entendia. E no dia seguinte o mecânico me confirmou que o carro, o mesmo carro que o vendedor havia me assegurado estar a mecânica 100%, que a quilometragem era original e que tudo estava funcionando bem, estava em péssimas condições. Seria preciso trocar e consertar uma série de itens, além dos itens que ele já havia mencionado. Agora não tinha mais jeito. Na verdade, eu aprendi que não se deve ser precipitado. Eu comprei o carro sem saber dirigir. Deveria esperar. Mas, eu havia acreditado no dono da loja de carros usados que usava gravata.

Eu fiquei revoltado com estes comerciantes de carros usados que enganam compradores de boa fé, principalmente, os marinheiros de primeira viagem, mas procurei me controlar.

Bem, eu tinha que ficar com esta droga de carro e autorizei o conserto para pagar em quatro prestações. Eu comecei a ficar preocupado com minhas prestações. Mas, de agora em diante, não compraria nada mais a crédito. Minhas aulas de direção iam muito bem. Até para mim foi uma surpresa como eu aprendi tão rápido. Eu dirigia com cuidado, operava bem as marchas, o breque, a embreagem e fazia as manobras de estacionamento muito bem. Eu me sentia muito bem preparado para fazer o exame de habilitação. E o exame foi marcado!

No dia marcado eu me sentia ótimo e confiante. Porém, meu instrutor me chamou de lado e disse: “Olha, o examinador quer R\$ 250,00 para aprovar você no exame!”. Eu me recusei de imediato. Não queria ter uma carta pagando para ser aprovado no exame. E fiz o exame, um exame perfeito. Entretanto, quando fui saber do resultado fui informado que havia sido reprovado no teste de baliza. Agora, não tinha mais jeito. Teria que esperar mais trinta dias e fazer mais aulas até o próximo exame.

Eu fiquei revoltado com estes examinadores que cobram propina para aprovar cartas de habilitação a motoristas, mas procurei me controlar. Eu passei a entender agora por que se têm tantos acidentes de trânsito no Brasil. Fiquei me perguntando: “Quer dizer que o motorista que não está preparado, que dirige mal, não sabe fazer baliza, dando propina ao examinador passa no exame?”.

Enquanto isto eu procurava manter o meu entusiasmo em dirigir ligando o carro no estacionamento, após a revisão geral do mecânico. Parece que, finalmente, ele ficou bom. Pelo menos encontrei um mecânico japonês que fez o serviço de acordo com o prometido, no prazo prometido e no preço acertado. Bons estes japoneses, não?

Decorridos os trinta dias desde o primeiro exame de habilitação a motorista e após muitas outras aulas na autoescola desnecessárias, lá estava eu novamente à frente do examinador. Desta vez, ele me aprovou e voltou suas escusas intenções para outros candidatos novatos. Finalmente, eu ganhei minha habilitação. Agora seria só alegria! Espero!

Para mim, me restou o consolo de incluir o fiscal corrupto de gravata, o desonesto dono da loja de carros usados de gravata e o examinador corrupto que dava o parecer nos exames de habilitação de motorista, que também usava gravata, na lista do ‘povinho’. E incluí o bom mecânico japonês na minha lista de cidadãos honestos e bem intencionados.

Bem, agora eu estava com carta nova, carro revisado, documentação em ordem para pegar a estrada e visitar meus pais em Vargem.

O final de semana era de sol e eu estava programado para fazer minha primeira viagem em uma estrada, a rodovia Fernão Dias. A estrada estava em boas condições e a cidade de Vargem não era muito longe de São Paulo. E lá fui eu!

E foi uma aventura. Apesar de estar dirigindo com muito cuidado, fui fechado por motoristas de caminhão apressados e dirigindo como loucos, tendo que jogar o carro para o acostamento em várias oportunidades. Pelo espelho retrovisor eu logo avistei que algo estranho estava ocorrendo com um carro que vinha atrás de mim em zig-zag. E, ao chegar perto do meu carro ele cortou a minha frente, me obrigando a trafegar pelo acostamento por alguns metros para dar passagem. Este motorista, provavelmente bêbado, desapareceu da minha visão na curva seguinte.

Mas, logo me deparei com um acidente. Ele batera com seu carro, após atropelar um velho que atravessara a rodovia. O teste do bafômetro confirmara que ele estava bêbado.

Eu me revoltei com estes motoristas de caminhão gananciosos, ou trabalhando para empresas gananciosas, e motoristas bêbados que fazem loucuras nas estradas colocando a vida deles e de outros inocentes a risco, mas procurei me controlar. Eu me revoltei, também, com a multa recebida

por trafegar no acostamento para evitar um acidente com o motorista bêbado, mas continuei me controlando! Eu me revoltei com este tipo de guarda rodoviário que foca somente a multa como ponto de seu interesse, não olhando para estes motoristas de caminhão truculentos e outros bêbados que colocam a vida das pessoas em risco e me mantive controlado!

O encontro com meus pais em Vargem foi emocionante. Nós já não nos víamos há meses. E, finalmente, eu iria conhecer nossa casa e eu experimentar a sensação de dormir em meu próprio quarto. Minha mãe tinha preparado um gostoso almoço e conseguimos ter paz e alegria por um final de semana.

Eu me revoltei somente na hora de voltar, quando vi que o distintivo da marca do meu carro e as calotas haviam sido roubadas, sem falar dos riscos que fizeram na lataria com prego, somente por pura maldade e os símbolos e desenhos que grafiteiros fizeram no muro novinho e pintado da casa de meus pais. Mas, procurei me controlar! Eu estava muito feliz em rever os meus pais.

Acrescentei estes vândalos e grafiteiros bobos, jovens que não se encontraram na vida, que não têm objetivos mais nobres e que escondem esta frustração e procuram satisfazer o seu ego doentio emporcalhando os muros e paredes da cidade, na minha já extensa lista de ‘povinho’.

O Engenheiro-Chefe continuava contente com o meu trabalho de Mestre de Obra e eu passei a coordenar a construção de grandes edifícios de apartamentos de luxo, aqueles mesmos que eu fazia a propaganda com minha cabeleira de plástico colorida e uma placa enorme amarrada em meu pescoço. Eu me sentia realizado, estava progredindo em minha carreira profissional.

Mas, eu não estava contente com minha vida na cidade grande e sentia muito a falta de meus pais. Além do mais, eu nutria um sonho de ter o meu próprio negócio. Assim, poderia morar com os meus pais e dar início a algum empreendimento. Eu conhecia bem as técnicas de construção e o mercado fornecedor de material de construção. Outra coisa que me deixava muito aborrecido com São Paulo era o trânsito e a violência. Em Vargem, morando com os meus pais, eu me livraria destes dois pesadelos.

Eu fixei residência em um pequeno apartamento em São Paulo, alugado, e todos os dias me dirigia para as obras designadas. E elas eram em lugares diferentes, zona sul e zona leste, na maioria delas, e algumas na zona norte e oeste. E o trânsito estava me matando de estresse. Eu levava no mínimo duas

horas para ir e mais duas para voltar do trabalho. E isto quando não levava o dobro em dias de chuva. E, no trânsito congestionado, eu fui assaltado algumas vezes. E lá se foram minha carteira, o relógio, o laptop, além de vários vidros do carro quebrados pelos assaltantes. De quebra, vi muitas brigas de trânsito, com motoristas se agredindo a socos e pontapés, totalmente descontrolados, procurando cada um dar vazão à sua ira do trânsito.

Eu me revoltava com este trânsito infernal de São Paulo, a audácia e impunidade dos assaltantes, o descontrole dos motoristas, mas procurava me controlar!

Para me distrair eu era forçado a ver shows de meninos de ruas fazendo malabarismos com bolas, tacos e fogo nos semáforos. No início, eu filosofava com meu coração aberto e sensibilizado: ‘Como são criativas estas nossas crianças brasileiras!’.

Eu sempre procurava manter uns trocados à mão para dar para estas lindas crianças. E em um semáforo eu assistia a um rápido show de malabarismo com bolinhas, logo a seguir, no outro semáforo, outro rápido show de malabarismo com tacos, logo a seguir, no outro semáforo, outro rápido show com tochas acesas. E cada semáforo, exatamente em todos os semáforos da cidade, eu via aquelas lindas e criativas crianças tentando ganhar a vida. E isto ocorria todos os dias da semana. E se repetiam todos os meses do ano. Com o passar do tempo, meus trocados e meu saco já não aguentavam mais.

Acompanhando melhor a movimentação das crianças pude perceber que todas se dirigiram a algum adulto que controlava as doações à distância. As crianças estavam sendo exploradas por estes adultos. E não eram somente os shows de malabarismo. Eram dezenas de crianças, nas centenas de semáforos, nos sete dias da semana, nos 12 meses do ano, limpando o vidro do para-brisa do carro com água suja, vendendo balas e doces, distribuindo folhetos, pedindo esmolas. Bem, comecei a me defender. Já não separava mais os trocados e nem olhava para os shows de malabarismo para não ficar comprometido. Tampouco, abria a janela do carro. Tentava ficar alheio a esta movimentação.

Um dia, ao recusar que um destes menores lavasse o vidro do para-brisa do meu carro, que acabara de passar por uma lavagem completa, ele simplesmente olhou para mim e bateu com o limpador na porta do carro por várias vezes, como revolta. Aí, eu estourei. Aquelas crianças já não me pareciam lindas e criativas. Infelizmente, e muito provavelmente de forma errada, eu passei a vê-las na escola da exploração do dinheiro fácil, da

violência e da criminalidade! Muitas, para a tristeza da sociedade brasileira, engrossarão no futuro o número de habitantes que fazem parte do grupo do ‘povinho’. Outras, talvez, consigam ser cidadãos.

Eu me revoltei com o abandono das crianças brasileiras nas ruas, esmolando, incomodando todos os dias os motoristas dos carros, longe da escola, marginalizados pela falta de uma assistência social adequada da parte das autoridades, submetidos à exploração dos adultos, mas procurei me controlar!

E enquanto eu pensava que já havia passado por tudo em São Paulo, São Pedro preparava outras grandes surpresas. Uma coisa é você acompanhar (e se revoltar!) com as notícias sobre o aquecimento global, o impacto que isto está provocando no clima e na vida das pessoas, além da fauna e da flora, outra coisa é você sentir na própria pele estes efeitos, bem ali, na rua onde você mora, no caminho que você tem que percorrer para ir ao trabalho. E foi o que aconteceu. As chuvas começaram a cair em São Paulo por dias e dias seguidos. As enchentes se sucediam diariamente e cada vez maiores e piores. Se o trânsito já era um inferno todos os dias, começamos a viver um caos dentro do próprio inferno! Eu ainda tinha a sorte de morar em um lugar que não alagava. Mas, no caminho até os locais do meu trabalho em pontos diferentes da cidade eu tinha que passar pelas marginais, avenidas, ruas da periferia e, às vezes, até sem asfalto.

Bem, solidário com milhares de paulistanos, eu passei pelos piores momentos de minha vida dentro de um carro.

Além de ficar preso em gigantescos congestionamentos por mais de 5 horas por vários dias seguidos, passar fome, sentir sede, segurar a vontade de ir ao banheiro (isto quando conseguia!), eu tive o meu carro alagado em uma das travessas da marginal, ficando com água até acima do nível da direção. Felizmente, eu saí a tempo e fiquei observando de longe o meu carro dar perda total. A experiência de cair em um alagamento é apavorante! Já quando se fica preso em um congestionamento a sensação de pânico se instala. Imagina quando você vê aquele mar de carros à sua frente e começa a cair um forte temporal por horas. Você se encolhe em seu banco do carro, pensa em Deus, na família e acompanha pela janela a água começar a acumular.

Aos poucos, às vezes até rapidamente, ela sobe de nível, cobre os pneus e você começa a sentir a água bater em seus pés, entrando pelo carro. É a mesma sensação de estar em um barco que começa afundar! Quando abandonar o barco? Digo, o carro? Qual é o limite? Foi uma prova final

para o meu coração e minha paciência. Nestas horas eu sentia até saudades das crianças com os seus malabarismos e os vendedores de sucos, salgadinhos, refrigerantes e água mineral. Consegui até entender que eles têm um papel útil neste grande circo da vida da sociedade organizada por uma cidade grande. Quanto eu não daria por um salgadinho e uma garrafa de água mineral! Talvez, pudesse até matar o tempo no alagamento assistindo os malabarismos rotineiros das crianças com bolas e tacos. É! Aprendi que a gente revê conceitos formados o tempo todo conforme nossos interesses e nossas conveniências! Bem, passei por esta situação de aflição e pânico por enchentes por longos 45 dias.

E, como desgraça pouca é bobagem, a seguradora não quis cobrir os prejuízos do meu carro, alegando que o meu seguro não cobria catástrofes naturais. Eu não me lembrava desta condição. Tampouco, o vendedor de seguros chamou minha atenção para este aspecto quando me convenceu a fazer o seguro do carro com ele. Levei o contrato do seguro para o meu advogado e, juntos, pudemos ler em letrinhas quase microscópicas que, realmente, o carro não estava segurado contra a ocorrência de catástrofes! Chegamos à conclusão que não adiantava abrir um processo. Já havia decisões favoráveis às seguradoras neste sentido. Contrato escrito é contrato escrito.

Assim, aprendi a dura lição - ler sempre tudo antes de assinar, não confiando na boa aparência e na gravata do gerente do banco, do corretor de seguros, do corretor de imóveis, vendedor de consórcio e vai por aí. Tive este grande prejuízo, mas precisava comprar outro carro. Por fim, as chuvas deram uma trégua, as vias de acesso da cidade voltaram ao normal. E, assim, ao normal voltou minha vida. E lá estava eu, novamente, com tédio de volta ao trânsito infernal de São Paulo, ouvindo as notícias sobre os crimes de sempre, me cuidando para não ser assaltado, procurando ignorar com cuidado os limpadores do para-brisa e o exército de crianças com seus 'shows' de malabarismo e produtos para vender.

Eu fiquei revoltado com as condições de vida desta maravilhosa cidade grande, com a falta de planejamento e obras que pudessem minimizar as enchentes, com os corretores de seguros que nos fazem assinar contratos com condições ocultas em linhas microscópicas, mas procurei me controlar!

Um dia senti que era chegada a hora de ter um computador pessoal em meu apartamento. Assim, além de fazer alguns serviços em casa, eu teria meu próprio e-mail, acesso às informações e ao mundo maravilhoso oferecido pela Internet. E isto se comprovou logo nos primeiros dias de sua instalação. Eu passava mais horas à noite na frente do computador do que na frente da

televisão. Sem dúvidas, achava a maior invenção do mundo moderno. Tudo ia bem até que eu recebi um e-mail mais ou menos assim: ‘Oi, lembra-se de mim? Que momentos maravilhosos nós passamos juntos! Clique aqui para ver a nossa última foto’. E eu cliquei! Pensei até que fosse a minha ex-namorada funkeira. Eu não sei bem o que aconteceu. Mas, meu computador implodiu! Nada funcionava direito.

E, como sempre aprendendo, fiquei sabendo que este e-mail era para instalar um vírus em meu computador. Tive que chamar um técnico em informática que levou meu computador por alguns dias e o trouxe de volta em ordem. Realmente, era um vírus. Acontece que eu não caí nesta somente uma vez. Eu sempre acreditei mais nas boas intenções das pessoas. Assim, recebi outros e-mails: ‘Secretaria da Receita Federal – você está com processo relativo à suas declarações de imposto de renda. Clique aqui para ver a notificação’. E outro: ‘A chave de acesso à sua conta no banco precisa ser trocada para sua melhor segurança. Clique aqui para fazer atualização de seus dados’. E outro mais: ‘Departamento Financeiro – o depósito do dinheiro a que tem direito foi processado regularmente em sua conta corrente. Clique aqui para ver o comprovante’.

E, infelizmente, eu cliquei em todas estas oportunidades e o meu computador aprendeu sozinho o caminho de meu apartamento até a casa do técnico em informática. Agora, estou mais esperto. Mas, confesso que tenho deletado muitos e-mails que não deveria. Eu estava muito assustado com estes e-mails criminosos. E fiquei sabendo disto quando amigos internautas me perguntavam: ‘Você recebeu o meu cartão de aniversário?’. ‘Você viu aquele vídeo sobre o Elvis Presley?’. Quantas pessoas aproveitam mal o seu talento para causar prejuízos aos outros e tirar vantagens criminosas. E olha que estamos falando de pessoas com boa formação escolar. Minha lista de ‘povinho’ com curso superior aumentava cada vez mais.

Eu me revoltei com estes bandidos internautas que usam o seu talento para o crime, sem se preocuparem com os prejuízos e transtornos que causam aos inocentes donos de computadores, mas procurei me controlar!

Bem, mas eu nunca desanimava e procurava usufruir ao máximo de minha vida.

Ah! Finalmente, chegou um final de semana prolongado. Pela primeira vez eu faria uma viagem ao litoral com o meu próprio carro! Eu e um amigo meu. Que emoção! Conseguimos alugar um apartamento na Praia Grande. Por telefone o dono me deu todas as coordenadas e o endereço. Bastava eu depositar antecipadamente o valor do aluguel em sua conta corrente e

procurar a chave com o zelador. Nas vésperas, procurei deixar tudo arrumado. Fiz compras, planejei um cardápio de lanches, abasteci o carro, chequei pneus, água e tudo o mais. Não queria que nada desse errado! O dia amanheceu lindo. O sol já brilhava no horizonte, prometendo refrescantes banhos de mar. Bem, na verdade, eu não esperava que tanta gente tivesse a mesma ideia. Assim, descobri que todos os feriados prolongados era a mesma coisa. Um mar de carros lotava as rodovias Anchieta e Imigrantes. Meu carro não tinha ar condicionado e o calor estava a 40° à sombra.

Mas, depois de cinco horas de estrada chegamos à Praia Grande. Confesso que não foi difícil encontrar a rua do apartamento alugado. O difícil foi encontrar o zelador e quando o encontramos ele disse que o apartamento já estava alugado e que a pessoa com quem falamos ao telefone sequer era o proprietário do imóvel. Parecendo estar acostumado com esta rotina, ele simplesmente disse: ‘Meus amigos, vocês caíram no conto do aluguel do apartamento na praia. Isto é comum por aqui!’. Desesperados, com as coisas no carro esquentando (a mussarela já tinha derretida toda e se juntando ao presunto em uma única peça!), eu perguntei: ‘Mas, senhor! O que vamos fazer agora?’. E ele nos ajudou: ‘Olha, a melhor coisa para vocês é dormir no próprio carro. Isto se não quiserem pagar um hotel, caso ainda tenha vagas’.

Bem, procuramos manter a calma. Afinal de contas nada neste mundo poderia estragar o feriado prolongado. Achamos uma família que alugava um quarto e um banheiro no fundo da casa e ele ainda estava disponível. Puxa, que sorte! (Veja bem o conceito de sorte como muda! Depois de sofrer na rodovia por cinco horas, cair no conto do vigário de um locador inexistente, ver a mussarela casar com o presunto fora de hora, ainda nos achamos sortudos por encontrar um quarto com banheiro para ficarmos. O preço? Descobrimos depois que o homem cobrou mais caro que o melhor hotel da cidade!).

Assim, nem nos preocupamos que a cama era de casal (que coisa esquisita dormir com meu amigo na mesma cama!), a bacia do banheiro estava quebrada e a descarga não funcionava. Colocamos nossos calções de banho e fomos para a praia. Finalmente, o nosso refrescante banho. Isto já eram quatro horas da tarde da sexta-feira. Mas, ainda tínhamos o sábado e parte do domingo. O sol ainda estava forte e entramos na água por várias vezes. Com fome, comemos de tudo que os ambulantes nos ofereceram: queijo de coalho, camarão frito, churrasquinho na brasa, castanha de caju, pastel, milho verde e muita água de coco. Eu sei que minha mãe sempre me alertava para não comer coisas servidas na praia. O risco era muito grande.

Eu não sei se era a fome, mas estava tudo muito gostoso. O que atrapalhava era a disputa de sons altos dos carros. Nossos ouvidos pareciam que iriam estourar.

Para quebrar esta disputa de volumes de sons e de ritmos (enquanto o ouvido esquerdo ouvia um funk, o direito era obrigado a ouvir um sertanejo) apareciam uns pedintes diferentes do que eu estava acostumado a encontrar nos semáforos de São Paulo. Eles sentavam-se ao seu lado na areia e cada um tinha uma história bem articulada para contar. Era evidente que se tratava de bêbados e desocupados explorando os turistas. Mas, a gente era obrigado a ouvir: ‘Dá licença, doutor! Desculpe atrapalhar. Mas, eu vim para a Praia Grande participar de um concurso de skate. Entretanto, enquanto descansava, roubaram o meu skate e meu dinheiro. Agora eu preciso voltar para Taubaté e não tenho dinheiro para a condução. Será que o senhor pode de ajudar?’. E lá se foram os meus primeiros R\$ 2,00. Mesmo antes de imaginar o tal homem em cima de um skate, chumbado como ele já estava, não demorou muito, veio outro: ‘Doutor, eu sou um trabalhador. Eu faço trabalhos em papel para vender. Mas, enquanto dormia em um abrigo, me roubaram todo o dinheiro. Será que o senhor poderia me ajudar para comprar mais papel? Eu não posso parar de trabalhar!’. Ele mal parava em pé e o cheiro da cachaça podia ser sentido à distância. E lá se foram mais R\$ 2,00. E ainda teve um terceiro que eu poupei de contar sua história, logo oferecendo mais R\$ 2,00. Minha cerveja já estava ficando quente! E minha cabeça também.

Mas, o pior estava para vir. Naquela mesma noite, eu e meu amigo começamos a sentir barulhos estranhos na barriga, acompanhado de enjoo. Não demorou muito para começarmos a vomitar e ter desarranjo intestinal. Ficamos mal. Fomos parar no pronto socorro da cidade, enquanto o dono do quarto procurava desentupir a bacia do banheiro. Pegamos uma bruta infecção alimentar. Vocês querem um conselho: nunca comam camarões fritos servidos na praia, principalmente depois de ficarem expostos ao sol durante o dia todo! Ah, vocês já sabiam disto?

Bem, de qualquer forma, o sábado todo foi de rápidas idas à praia, tomando somente água, e voltando às pressas para o banheiro. Assim, achamos melhor voltar para São Paulo logo no domingo pela manhã. Como o dia estava lindo, nossa certeza é que todos os turistas voltariam somente à tarde do domingo ou mesmo na noite do domingo. Levantamos cedo, arrumamos nossas coisas apressadamente, ligamos o carro e pegamos a estrada. Sozinhos? Não! Já outro mar de carros de turistas que tinham pensado a mesma coisa estava à nossa frente! Mas, como pode? Depois fiquei sabendo que era assim mesmo. Um bom número de turistas aproveita o feriado

prolongado, mas voltam logo cedo no último dia para não pegar congestionamento à tarde e, assim, provocam o congestionamento logo cedo. Que droga de final de semana prolongado!

Eu fiquei revoltado com o meu primeiro feriado prolongado na praia, com o locador bandido, com a comida estragada, a infecção alimentar, os desocupados que infernizam a vida dos turistas, o trânsito infernal na ida e na volta, mas procurei me controlar!

Na construtora onde trabalhava tudo ia as mil maravilhas. A venda de apartamentos batia recorde a cada mês, os financiamentos estavam facilitados e a procura de pessoas para a compra do primeiro apartamento era muito grande. Assim, eu trabalhava mais de dez horas por dia, cobrindo vários canteiros de obras. O Engenheiro-Chefe acenava com outra promoção para mim. De Mestre de Obra eu poderia galgar o posto de Administrador de Obras, passando a ser o chefe dos vários Mestres de Obra. E esta promoção não tardou a ser efetivada e um polpudo aumento salarial me foi garantido. No plano financeiro pessoal eu estava indo muito bem. Conseguia formar uma boa poupança. Mas, no plano de saúde pessoal comecei a sentir alguns problemas.

Eu me sentia muito cansado, estava pálido, sentia enjoos, me irritava facilmente, perdi o apetite e, o que era pior, dormia mal à noite. Precisava de um médico com relativa urgência. E, pela primeira vez, eu acionei o plano médico que a empresa me oferecia. Era um plano muito conhecido e operava em todo o Brasil. Imaginei, primeiramente, uma consulta com um clínico geral. Examinei o catálogo de médicos credenciados e comecei a telefonar para marcar a consulta. E para minha surpresa, as secretárias estavam marcando consultas entre 20 e 30 dias para frente ou até mais. ‘Mas, a senhora não tem como marcar minha consulta para os próximos dias? Eu não estou me sentindo bem!’.

E as respostas eram as mesmas: ‘Impossível, senhor! A agenda do doutor está esgotada!’. Aflito, resolvi voltar a ligar tentando marcar uma consulta particular. E vocês já sabem o que aconteceu, não? O doutor de agenda esgotada poderia me atender para uma consulta particular no mesmo dia! E, assim, lá se foram R\$ 220,00 para a consulta particular no médico do meu convênio. Mas, fiquei sabendo que é assim mesmo.

Muitos médicos concordam com o credenciamento pelo plano médico para completar agenda, ou seja, tapar buracos dos dias e horas em que não conseguem consultas particulares. A gente até entende os motivos em razão

dos baixos honorários pagos pelos planos médicos, mas estes médicos não deixam de ser oportunistas, não?

Eu fiquei revoltado com estes planos médicos que fazem uma propaganda que não corresponde à realidade enfrentada pelos usuários e com estes médicos oportunistas que aceitam convênios médicos apenas para tapar buracos na agenda, mas procurei me controlar!

Fui à consulta na mesma tarde de meu telefonema. E o médico me dedicou muita atenção e fez muitas perguntas. Que diferença faz uma consulta particular! E o seu laudo foi: ‘O senhor está em estresse. Precisa descansar por uma semana no mínimo e tomar estes remédios aqui!’. Os problemas que eu enfrentava todos os dias e o trabalho intenso na construtora haviam me vencido temporariamente. O Engenheiro-Chefe obviamente ficou preocupado com o meu afastamento médico por uma semana. Mas, concordou desejando-me uma pronta recuperação. Afinal de contas, mais de 15 obras de edifícios de apartamentos estavam em andamento e precisavam da minha atenção.

De qualquer forma, eu teria uma semana toda para curtir meus pais na cidade de Vargem. Seria uma ótima oportunidade para conhecer todos os arredores, ir até Bragança Paulista, Monte Verde, Extrema, Itapeva e outras cidades próximas. Enfim, comer a gostosa comida de minha mãe, conversar com o meu pai, respirar o ar puro das serras do sul de Minas Gerais, descansar e relaxar. E foi exatamente o que eu fiz.

A viagem transcorria bem pela rodovia Fernão Dias. O dia estava ótimo, ensolarado. Eu saí um sábado bem cedo com o compromisso de voltar ao trabalho na segunda-feira da outra semana. Assim, teria um período de descanso de 9 dias! Procurei fazer tudo com calma, mantendo meu controle e comprometido que nada poderia me deixar revoltado. Dirigia o carro abaixo dos limites de velocidade, mantendo minha direita. Entretanto, após alguns quilômetros avistei um grande congestionamento na rodovia à minha frente. Estava tudo parado. E pela quantidade de vendedores de salgadinhos, sucos, refrigerantes e água mineral, pude antecipar que o congestionamento se fazia há muito tempo. Pelo menos eu estava feliz de não ver os meninos malabaristas e limpadores de vidro para-brisa.

Perguntei o que tinha acontecido para um destes vendedores, enquanto pagava por uma garrafa de água mineral: ‘Moço, pelo que sei, um ônibus em alta velocidade perdeu o controle na curva da estrada em Mairiporã, sentido Minas Gerais, capotou e causou várias mortes de estudantes, além de bater em vários outros carros ferindo os seus ocupantes! Isto aconteceu ontem,

mas estão retirando os destroços do ônibus e dos carros hoje'. Um motorista irresponsável do ônibus, abusando do excesso de velocidade, causou esta tragédia para várias famílias, além dos prejuízos materiais. Esperei pacientemente por três horas até que o trânsito fosse liberado. Passei pela curva e pude ver as marcas do desastre na pista e me veio o pensamento que isto acontece com frequência em nosso país e sabemos que nada acontece efetivamente para estes motoristas irresponsáveis e criminosos que, por sorte deles, vivem neste país da impunidade.

Eu me revoltei com esta violência no trânsito, cada vez mais crescente, com a impunidade garantida aos motoristas irresponsáveis e criminosos, como um verdadeiro alvará para matarem, mas eu estava estressado e procurei me controlar!

A viagem para Vargem tinha perdido um pouco o encanto, o acidente do ônibus vinha à mente e, como sempre ocorre nestas horas, as cenas de acidentes nos deixam inseguros para dirigir pelas estradas do Brasil. Mas, finalmente, cheguei. Já estava próximo do horário de almoço e eu estava morrendo de fome. Meus pais estavam muito contentes com minha presença por 9 dias seguidos, apesar de preocupados com o meu estado de saúde:

- Tom, será que vale a pena tanto sacrifício em sua vida? Você é um rapaz solteiro, não tem compromissos de família. Esta vida em São Paulo está realmente fazendo você feliz? O dinheiro está compensando tanto desgaste em sua saúde, meu filho?

- Pai, eu não tenho nada grave. É apenas um estresse passageiro. Eu estou bem. Fiquem tranquilos. Mas, o que temos para comer? Estou morrendo de fome!

- Venha, filho. Eu fiz tudo que você gosta; arroz, tutu de feijão, salada, torresmo, bisteca de porco bem frita e ovos fritos. E tem suco de acerola do nosso próprio pomar!

Bem, meu período de descanso finalmente começara. Eu comi como um príncipe e dormi profundamente na rede da varanda após o almoço. Meus pais procuraram não fazer barulho e nem a novela da tarde minha mãe assistiu neste primeiro dia. Acordei bem disposto, dei uma volta pelo bairro, fui até a praça central, entrei na igreja e rezei algumas orações que eu ainda conseguia me lembrar um pouco, procurei conhecer os donos dos poucos estabelecimentos de comércio da pequena cidade, entre eles o senhor Carlos da loja que vende de tudo para agricultura e criação de animais. Sentia a vida

entrar pelos meus poros à medida que caminhava no sol e respirava o ar puro. Na volta para casa, minha mãe havia preparado um gostoso café, com manteiga e queijo produzidos na região e o tradicional bolo de fubá. Ela sabia que eu adorava comer bolo de fubá misturado com café e leite. E eu fazia isto desde quando era criança. Como estava gostoso ser paparicado pelos meus pais e minha infância veio à minha mente trazendo grande paz.

À noite, preferimos ficar na varanda e desfrutar do frescor do ar e prostrar. Meu pai recapitulou sua vida desde que saiu de Montes Claros em Minas Gerais e sua vinda para a lavoura de cana em São Paulo, sua passagem pelas favelas e como tudo começou. Ele brincava com minha mãe como os dois encontravam um jeito e um tempo para namorar um pouco no canavial. Minha mãe, envergonhada, pedia para ele se calar! Eles estavam muito felizes em seu cantinho. A edícula no fundo do terreno era bem confortável, eles tinham tudo o que precisavam. No terreno da frente mantinham um pequeno pomar e uma horta. Viviam simples, por isso viviam felizes. E comecei a descobrir que é muito difícil não associar felicidade à simplicidade. Igualmente, não associar vida tranquila e segura com cidade pequena do interior. Conheci várias famílias simples e em todas as casas pude sentir um clima de harmonia e felicidade a um nível bem maior do que eu estava acostumado a ver em São Paulo.

Eram pessoas que não competiam, mantinham ambições simples de sobrevivência, não procuravam luxo e riqueza, pessoas que valorizavam os relacionamentos familiares, o encontro com os amigos nos cultos dos domingos e os passeios na praça central.

Na primeira noite em que dormi no meu quarto eu até estranhei a falta de barulho. Como pode? Onde estavam os barulhos das buzinas, das sirenes dos carros da polícia ou do corpo de bombeiros, dos pneus dos carros dos jovens transviados fazendo rachas e até mesmo de alguns tiros?

Nada! Nenhum destes barulhos que poderiam me fazer lembrar de São Paulo. Em seu lugar o grito da coruja em busca de seu alimento preferido – os ratos que perambulam pelas ruas de madrugada. Quando eram 3h30 os galos começaram sua primeira sessão de canto. Interessante este instinto dos galos. O canto deste horário não é intenso e cada galo canta por duas ou três vezes e depois param. Voltei a dormir. Mas, às 5h30 a cantoria dos galos voltou para valer. Cada um procurava cantar mais alto do que o outro. Que diferença do meu rádio relógio que me acordava com as primeiras notícias do dia, ou seja, tudo o que havia acontecido de ruim na madrugada anterior. Minha mãe me tranquilizou, sem necessidade, de que no começo a gente

presta atenção no canto do galo e acorda às 3h30, mas depois se acostuma e não acorda. Mas, o canto das 5h30 é difícil de ser ignorado.

Eu estava muito feliz mesmo. Naquela manhã, após o café que, apesar ser sempre o mesmo, era delicioso, eu havia me programado para ir com o meu pai visitar o cruzeiro no alto de uma montanha. Seriam por volta de três horas de caminhada. A vista que se tem do cruzeiro era fantástica. O ar estava fresco e absolutamente puro. Eu me sentia um verdadeiro esportista, cuidando de minha mente e de meu corpo. E isto me dava uma sensação maravilhosa. Do alto pudemos avistar toda a pequena cidade de Vargem e as águas da represa do rio Jaguari e até fazendas de outras cidades da região.

E a gostosa rotina se repetia. Um almoço gostoso, simples e farto, a soneca na rede, o passeio descomprometido pelas vizinhanças após o café da tarde. Eu me recuperava do meu estresse rapidamente. Às vezes me lembrava de minhas obrigações na construtora e sabia do volume de pendências e trabalho que me aguardavam. Mas, enquanto o Engenheiro-Chefe não me ligava no celular era um sinal de que tudo estava sob controle.

Ao anoitecer, meus pais e eu tínhamos um programa especial. Meus pais eram católicos e, costumeiramente, eles assistiam as missas na paróquia da cidade. Eu os acompanhava e assistia a missa. Mas, ao passar por um templo evangélico, eu ficava curioso em entender o que era um culto católico e um culto evangélico. Assim, resolvi uma noite ter minha primeira experiência em assistir um culto em uma igreja evangélica de uma cidade vizinha. Eu fui batizado católico, mas muito raramente em São Paulo encontrava tempo para entrar em uma igreja e rezar. Quase nem me lembrava mais das orações católicas. Isto não significa que eu não tinha Deus em meu pensamento. Mas, as obrigações do trabalho e os desafios de se viver em uma cidade grande acabam por afastar muitas pessoas como eu deste lado espiritual. É uma desculpa, sim. Eu reconheço. Mas acontecia comigo e acontece com muitas pessoas. Pude ver que, antes do culto evangélico as famílias se encontram na porta da igreja, conversam, fazem relacionamentos.

Um dia, eu conheci um pedreiro, também nascido na Bahia, de nome Cosme. Ele era um grande pedreiro, veio fazer uma obra em Vargem e nunca mais retornou para São Paulo. E foi nestes encontros com Cosme que conheci sua família baiana e fui apresentando à Severina de Jesus, uma jovem de cabelos negros e longos, cuja beleza refletida em seu rosto sem maquiagens chamava a atenção de todos. Inclusive a minha! Era uma moça pura, inocente, tímida, até ingênua. Ela mal olhou para mim ao me cumprimentar. Refugiava-se encostando o seu rosto em seus próprios

ombros. Mas, de vez em quando, pude sentir seu olhar em minha direção com um brilho muito especial. Um brilho que era correspondido por mim. E, assim, minha curta estada em Vargem tinha agora uma motivação extra – a amizade por Severina de Jesus. Ela era jovem como eu e podíamos conversar de igual para igual, eu teria alguém para falar sobre os meus planos, sobre os meus problemas.

Minha mãe não conseguiu esconder o seu interesse em me aproximar de Severina de Jesus e o mesmo acontecia com a mãe dela. Assim, no café da tarde do dia seguinte, lá estavam as duas dividindo conosco o bolo de fubá. Eu pude conhecer melhor esta inocente e bela moça. Logo descobri que ela nunca tivera um namorado, que estudou até o nível colegial e não tinha plano nem condições de pensar em fazer uma faculdade, que trabalhava em um pequeno mercado da cidade, que nunca tinha ido a uma praia e que seu passeio preferido era visitar Bragança Paulista aos sábados ou domingos, aproveitando para comprar suas roupas, calçados e outras coisas que precisava.

O que me encantava na Severina de Jesus era que ela tinha suas convicções religiosas, mas, era uma jovem aberta ao mundo moderno. Não usava maquiagem, mas, poderia usar sim se uma ocasião recomendasse. Não gostava de carnaval, mas entendia que as pessoas tinham o direito de procurar a sua melhor diversão. Porém, ela era muito firme com relação a assuntos de relações entre um homem e uma mulher. O namoro ela entendia como uma experiência voltada para o casamento. Assim, esta história de ‘ficar’, namorar por namorar, beijo pelo beijo, sexo livre, ela estava fora. Eu me lembrava nestas conversas de minha primeira namorada funkeira!

Quando falava de meus planos de conduzir meu próprio negócio e me mudar de São Paulo, ela sempre se manifestava com base em princípios evangélicos. Dizia que eu devia orar a Deus para que iluminasse e mostrasse o melhor caminho. Recomendava que eu deixasse Deus guiar meus passos. Que Ele sabe o momento e a hora que as coisas devem acontecer. Mas, que tinha uma condição importante – ela dizia que Deus tem todas as maneiras que quiser para falar com a gente, mas, que a gente tem somente uma maneira de falar com Deus – a oração. Assim, ela me recomendava que eu fizesse minhas orações e pedisse a Deus para que indicasse o melhor caminho para os meus planos. Afinal de contas, ela também reconhecia que era uma decisão muito importante e séria. Deixar um emprego onde eu era altamente prestigiado, com boa remuneração, em uma construtora sólida, não podia ser uma decisão inconsequente.

E foi em um destes passeios pelas ruas da vizinhança a caminho da praça central que eu me atrevi tentar pegar em sua mão. Ela delicadamente não permitiu, dando um discreto sorriso, mas, não reprovando minha iniciativa. E ficava óbvio que nós dois estávamos nos apaixonando. Isto estava claro no olhar, na expressão do rosto, na alegria dos sorrisos, na felicidade demonstrada pelo nosso comportamento, no bem estar da companhia. E as mães logo perceberam isto, como o perceberam os papais. E todos estavam contentes.

Meus pais achavam que eu tinha encontrado uma mulher especial e rara nos dias de hoje que poderia me fazer feliz no casamento e os pais dela achavam que ela tinha encontrado um homem sério que tinha planos e objetivos de vida.

Eu a convidei para visitar Monte Verde, uma pequena distante uma hora de carro de Vargem. E ela aceitou. Seria uma grande oportunidade de nos entendermos. E nos entendemos muito bem. Fomos até crianças por várias horas. Fizemos a longa trilha da pedra, ora andando, ora correndo, comemos em um restaurante que servia comida típica mineira, visitamos as dezenas de lojinhas, compramos lembranças para os nossos pais, ríamos de tudo, trocávamos olhares comprometidos. E ela já não se incomodava que eu pegasse em sua mão para andarmos juntos. Ela até se sentia segura. Afinal de contas, ela chamava muito a atenção dos solteirões de plantão da cidade!

Eu era outro Uóchitão. E meus pais perceberam isto e eu até os ouvi cochichar na cozinha: 'Eu acho que o nosso Tom agora casa! Já estava na hora!'. Meu pai, apesar de aposentado, era um homem vigoroso, presente dado pela Natureza pelo seu trabalho duro na lavoura e na construção. E ele aproveitava para ganhar uns trocados limpando o mato de terrenos e jardins de moradores da cidade. Isto somente na parte da manhã. E foi numa destas manhãs que eu fui ver um destes trabalhos de meu pai. Ele aceitou um serviço de limpar o mato de um terreno de 20.000 metros quadrados, próximo da área central. O terreno precisava estar bem limpo, pois seria colocado à venda pelo proprietário. Quando cheguei lá por volta das 10h30, meu pai já estava trabalhando desde às 7h00 e metade do terreno já estava limpo. A força de seus braços e sua experiência com a foice venciam o mato alto com facilidade.

E foi quando eu me lembrei das palavras de Severina de Jesus: 'Deus sempre lhe mostrará o caminho no momento e na hora certa. Confie nele'. Ao olhar aquele terreno eu me vi dono dele, o muro alto o cercando, um grande portão com uma placa - Tom Silva Artefatos de Cimento! Era um sonho? Sim! Mas, um sonho que começara a ganhar força.

- Pai, quanto o proprietário quer por este terreno?
- Oh, é caro meu filho?
- Caro quanto?
- Olha, filho, por ser um terreno próximo da área central e por ter quase um alqueire, ele não vai pedir menos que R\$ 100.000,00!

Naquela mesma tarde eu procurei o proprietário e fiz uma proposta à vista de R\$ 80.000,00 que foi aceita por ele. O terreno agora era meu. E me apressei em dar a boa nova para Severina de Jesus. Ela ficou muito contente e pediu que orássemos juntos em agradecimento.

- Pai, agora o senhor pode continuar o trabalho, mas, em um terreno que é nosso!

Meu pai me abraçou com alegria e lágrimas nos olhos. Possuir um terreno daquele tamanho era algo que ele nunca imaginara a família ter na vida. E minha poupança ainda permitia contratar a obra para cercar de muro todo o terreno e colocar um grande portão que, um dia, com certeza, teria a placa com minha própria empresa. Eu precisava voltar ao trabalho na construtora por mais algum tempo. Depois, me dedicaria a este projeto de vida e o meu casamento com Severina de Jesus! Isto se eu conseguir que ela concorde em ser minha namorada! Mas, os primeiros passos foram dados, com certeza.

Meu pai limpou todo o terreno, plantou roça de milho, abóbora e mandioca, plantou árvores em todas as laterais do terreno. Ele já sabia que não deveria plantar árvores no centro do terreno em razão de meus planos. E todas eram árvores frutíferas, a maioria nativa, e foram plantadas com o objetivo de servir de alimento para os pássaros e animais silvestres. E ele me ajudou muito nesta fase, administrando a obra da construção do grande muro cercando todo o terreno e contratando o serralheiro para fazer um portão de ferro bem caprichado, a entrada de minha futura empresa!

Mas, infelizmente, ao chegarmos em casa encontramos minha mãe chorando. E o que tinha acontecido? Algumas mulheres vestidas de ciganas e que se diziam ciganas, de passagem pela cidade, pararam minha mãe na praça central oferecendo-se para ler sua mão, ou seja, sua sorte e seu futuro. Minha mãe, sempre atenciosa, deu-lhes a mão. Enquanto elas puxavam sua mão fortemente as ditas ciganas olhavam firme nos olhos de minha mãe que se via, assim, obrigada a olhar firme também nos olhos delas. E, neste lance, levaram seu anel de casamento. Minha mãe percebeu isto depois que as

ciganas se foram, encantada que estava com as previsões de muita sorte e vida longa. Procurei acalmar minha mãe dizendo que o valor da aliança não compensava este seu sofrimento e que, em minha próxima visita, traria uma aliança nova. Mas, aquela era a aliança que a tinha acompanhado no casamento desde o início, viu alegrias e tristezas, e era esta que ela gostava.

Eu me revoltei com estas mulheres que se dizem ciganas e se aproveitam da boa vontade e ingenuidade das pessoas para aplicar golpes, como este de roubar anéis sorrateiramente de seus dedos, mas procurei me controlar!

Faltavam apenas dois dias para o fim de minha licença médica. Eu teria que voltar às minhas atividades na construtora. Aproveitei para estreitar minha amizade (ou já seria um namoro?) com Severina de Jesus e toda hora eu ia ao terreno que acabara de comprar, andando de lá para cá como um bobo, encantado com este meu primeiro investimento. Fazia planos, conversava com o meu pai sobre o que poderíamos fabricar lá, quanto eu precisaria de dinheiro para as máquinas e equipamentos iniciais. Eu me sentia um verdadeiro rei dentro do seu reino!

Ao final de férias gozadas no passado, eu sentia muitas saudades de meu trabalho. Sentia a falta de minha mesa, meus equipamentos, minha rotina e problemas, meus colegas de trabalho. Aliás, este sentimento é a maior prova que alguém pode ter que realmente gosta do que faz, gosta de sua empresa e gosta da carreira que escolheu. Entretanto, desta vez, estas minhas férias forçadas não provocaram estes mesmos efeitos. Eu sentia saudades do meu trabalho sim, mas não na mesma intensidade de antes. Após me despedir de meus pais e de Severina de Jesus e seus pais, eu senti que gostaria de ter ficado lá, curtindo a companhia de todos, vivendo na pequena cidade de Vargem, cuidando do meu terreno. Trouxe comigo na viagem de volta os acenos carinhosos de meus pais e, principalmente, o sorriso e olhar de Severina de Jesus. Apesar de não termos conversado sobre namoro, eu sabia que estaríamos nesta direção. Era uma questão de tempo, uma pendência para as próximas viagens.

Eu voltei comprometido a passar os finais de semana em Vargem, salvo compromissos inadiáveis do meu trabalho. E isto me daria uma motivação extra de vida. Agora eu entendo porque os paulistanos saem como loucos todos os fins de semana em busca das praias e das belezas campo. Esta é, sem dúvida, a melhor forma de recuperar energias para mais uma semana nesta bela e desafiadora cidade.

Eu entrei nos escritórios da construtora como nunca tinha entrado antes. Estava animado, feliz, ria e brincava com todos que eu cumprimentava.

Todos notaram esta diferença, inclusive o Engenheiro-Chefe: ‘Tom, parece que a licença foi muito boa para você. Você está com uma cara ótima! E isto é muito bom. Estamos com muitos problemas pendentes para resolver. Mas, seja bem vindo!’.

Eu comecei pela pilha de papéis para despachar e pelos meus e-mails. E isto me ocupou toda a manhã deste meu primeiro dia de retorno ao trabalho. Alguns e-mails me chamaram a atenção. Eram todos do Engenheiro-Chefe.

‘Tom, estamos com o canteiro de obras do Condomínio Terra Vermelho em greve. Os operários estão reclamando das condições do refeitório, dos banheiros e querem aumento de salários. O pessoal dos Recursos Humanos já está por lá. Mas, solicito o seu apoio no local pelo entrosamento que você tem com este pessoal!’.

E eu pensava: ‘Eu sabia que a qualquer momento poderíamos ter este problema. Realmente, não foi uma boa ideia aproveitar uma velha oficina para fazer o refeitório. O cheiro de graxa e as paredes sujas incomodam demais. Quanto aos banheiros eu já havia alertado que aproveitar velhas bacias turcas para vasos sanitários não foi uma boa idéia. O pessoal não está acostumado a fazer suas necessidades de cócoras! Os salários estão bons. Mas, sabe como é, com o aumento da procura por pedreiros e ajudantes crescem as demandas por melhores salários. Os sindicatos não perdem estas oportunidades!’.

‘Tom, a madame que comprou a cobertura no Edifício Realeza quer ampliar a sala e pede para tirar uma coluna que está atrapalhando. Eu já disse para ela que a coluna é de sustentação do prédio. Mas, ela não quer saber. Ela quer um vão livre na ampliação da sala. Como ela é esposa de um Juiz, peço sua atenção especial neste caso. Veja o que dá para fazer!’.

E eu pensava: ‘Ah, estas madames dão um trabalho enorme. É sempre assim. Elas esperam a obra ficar pronta para mudar banheiros, salas, cozinhas, áreas de serviços, pisos, portas. É uma barra! Mas, desta vez, o problema é sério. Não temos como mudar ou tirar uma coluna de sustentação do prédio. Ela vai ter que aceitar isto’.

‘Tom, temos um problema sério aqui. As obras da fundação do Condomínio Água Viva abalou o prédio vizinho. Ocorreram rachaduras em várias paredes. A defesa civil está examinando a eventual desocupação do prédio e os moradores estão muito bravos com a gente. Querem falar com alguém da nossa construtora. Favor dar uma cobertura no local, ver o que

está acontecendo e o que pode ser feito para resolver o problema. Quando eu conseguir me livrar de meus compromissos eu dou uma chegada lá. ’.

E eu pensava: ‘É! Isto não é a primeira vez que acontece. A gente começa uma fundação em época de seca e tudo nos parece sob controle. Mas, a chuva pode amolecer muito o terreno e trazer estes riscos como este. A solução é muito difícil. Vamos ter problemas aqui sérios!’.

E e-mails como estes tinham mais de cem. Com certeza eu ficaria semanas até conseguir ter um controle geral da situação. Mas, mesmo assim, estava animado e feliz. Entretanto, ao final do dia, recebi uma ligação do meu pai: ‘Filho, o cheque que você deu na compra do terreno voltou! O banco alegou falta de fundos suficientes!’. Mas, isto era impossível! Eu tinha dinheiro suficiente na minha conta para o pagamento do terreno e sobraria, ainda, muito dinheiro. Fui imediatamente falar com o gerente do banco. Ao analisar a minha conta, pudemos contatar um saque de R\$ 35.000,00 feito por alguém que desconhecíamos.

Logo vimos que fui vítima de algum ‘hacker’ que conseguiu os dados de minha conta e minha senha. Talvez isto tivesse ligação com aquele e-mail que respondi ingenuamente, solicitando atualização de meus dados cadastrais no banco! Bem, tive que lançar mão de um empréstimo de emergência e liguei para o meu pai pedir ao vendedor do imóvel para reapresentar o cheque. A briga agora era com o banco. Eles teriam que me ressarcir deste prejuízo. Mas, com certeza, isto levaria muitos dias até acontecer.

Eu fiquei revoltado com estes ‘hackers’ que utilizam de seus talentos e conhecimentos de informática e se transformam em bandidos e ladrões sem vergonhas cibernéticos, mas procurei me controlar!

Puxa! Esta primeira semana de volta ao trabalho foi o suficiente para queimar todas as energias que eu havia acumulado em minha licença médica! À noite, para relaxar, eu procurava percorrer os canais de TV para me distrair. Eu não tinha o hábito de assistir televisão por muitas horas. Mas, naquela noite, particularmente, eu precisava sentar em meu sofá e esquecer tantos e-mails e problemas. Estava, ainda, ansioso pela resposta do banco quanto ao extravio do meu dinheiro. E, assim, pude me concentrar um pouco mais na programação de nossa TV de canais abertos. Eu, ainda, não havia instalado TV a cabo com canais pagos.

E, meu Deus! Assim, descobri que eu precisaria também me defender da TV para proteger minha saúde. Agora entendo melhor quando ouço

algumas pessoas falarem: ‘Meu Deus, não está dando mais para se ver televisão!’ ‘A gente tem que assistir televisão munido do controle na mão. Quando entra bobagem ou má notícia a gente muda de canal!’. ‘Nossa, que paz entra na casa quando se desliga a televisão!’. ‘A TV só explora o sexo banal, a violência, o assassinato, a vulgaridade!’.

Quantas outras frases, como estas, você já ouviu e que poderiam ser acrescentadas a esta lista, não? Nestes 59 anos de TV Brasileira nunca vimos uma época como esta em que comentários desta natureza se tornaram tão comuns. ‘Contaminações’ sérias estão ocorrendo na programação que estão levando os telespectadores e as famílias se defenderem da TV. Na briga por audiência e por patrocinadores está se abrindo uma brecha para as ‘contaminações’ e é nesta brecha que elas estão se infiltrando. E por que está ocorrendo isto e quem são os culpados? Nós, telespectadores, somos os culpados! Totalmente!

Senão vejamos: Programas que exploram o sexo banal exortam a violência, fazem da criminalidade um espetáculo, caem a nível da vulgaridade, invertem valores sociais, exploram a ignorância popular, desrespeitam pessoas com limitações físicas, excedem em sensacionalismo e tem baixo nível cultural, estão conseguindo grandes audiências! Assim, as emissoras que procuram manter uma programação mais de acordo com os seus princípios e objetivos, começam a perder audiência e, conseqüentemente, patrocinadores. Como nenhuma empresa tem vocação para perder dinheiro ou desaparecer, a emissora em desvantagem, mais cedo ou mais tarde, adapta parte de sua programação seguindo o exemplo de outra bem sucedida com os seus programas que exploram estas ‘contaminações’.

Assim, estamos vendo um nivelamento por baixo. A emissora se depara então com este dilema: ou baixa o nível de alguns de seus programas ou perde audiência e patrocinador. Programas de melhor qualidade, em termos de cultura e valores, são transferidos para horários ‘menos nobre’ para abrir espaço no ‘horário nobre’, que alguns preferem chamar de ‘horário pobre’, para esta programação voltada à maior audiência, repleta de ‘contaminações’, não importando muito a qualidade do programa.

E, assim, estamos assistindo a uma escalada sem precedentes destas ‘contaminações’, sob a benção, o aplauso e nosso suporte, nós os telespectadores, que garantimos o sucesso destes programas e incentivamos as emissoras a irem nesta direção. Nós estamos vivendo no Brasil, quiçá do mundo, uma época que está marcada e será lembrada pela violência generalizada, criminalidade, banalização do sexo, vulgaridade. Parece que tudo e todos estão sendo ‘contaminados’ de forma crescente por este mal

que se abateu sobre a sociedade e as famílias. Entre as principais ‘contaminações’, temos: a exortação da violência, a criminalidade como espetáculo, a exploração do sexo banal, a promoção da vulgaridade e boçalidade, a inversão de valores sociais, a exploração da ignorância popular, o desrespeito às pessoas com limitações físicas, a exacerbação no sensacionalismo, o rebaixamento do nível cultural e a postura tendenciosa para a defesa de interesses de classe.

Desnecessário se torna mencionar que estas ‘contaminações’ atingem, indiscriminadamente, todos os órgãos de comunicação, em escala menor ou maior, como: cinema, rádio, jornais, revistas, Internet, entre outros.

Em outras palavras, a nossa avaliação como telespectador, como frequentador de cinema, ouvinte de rádio, leitor de jornais e revistas, internauta, entre outros é que gostamos destas ‘contaminações’ todas. Será que adoramos desgraças e gostamos de tanto ‘sangue’ mesmo? Ou está havendo da parte das emissoras de TV e órgãos da mídia uma avaliação equivocada? O que vai confirmar isto será a audiência dos programas ‘contaminados’. Se esta audiência continuar crescendo, a avaliação estará certa. Se a audiência cair, a avaliação estará errada. Então, a solução para estas ‘contaminações’ está nas mãos de quem? Na minha mão. Na sua mão. Pense! Naturalmente, a disputa pela audiência do telespectador entre as emissoras deve se dar, principalmente, pela melhoria da qualidade de sua programação, pela criatividade e inovação em novos programas, pela excelência de talento e desempenho de sua equipe de atores, pela qualidade do som e imagem, pela interatividade com os telespectadores. E algumas fazem um excelente trabalho neste sentido. Mas, a busca pelo aumento da audiência através da utilização destas ‘contaminações’ e o nivelamento crescente por baixo cresce a um ritmo assustador neste nosso país.

Eu me revoltei com as emissoras de TV que procuram ganhar audiência à custa de vulgaridades e baixo nível da programação, exortam a violência; exploram o crime como espetáculo; o sexo banal em suas produções; os programas humorísticos com figuras de bêbados, de políticos corruptos, de marginais, de pessoas gagas, de prostitutas, entre outras aberrações de desrespeito. Quando a emissora leva ao ar estes personagens, ao mesmo tempo está levando uma mensagem subliminar às crianças que ser bêbado, um político corrupto, uma prostituta ou um marginal é algo normal e aceito pela sociedade; o noticiário diário da TV onde a notícia ‘boa’ é aquela notícia ‘ruim’; as aulas de perversões, maldades e criminalidade dadas pelas telenovelas como diversão da família. Mas, procurei me controlar!

E a minha lista de ‘povinho’ incluía, agora, vários artistas, autores, produtores e donos de emissoras desta laia.

Aliás, não há nada que caracterize mais o ‘povinho’ do que o seu gosto pelo lixo. Além do lixo espiritual fartamente promovido pelos órgãos da mídia, como a TV e os jornais, eles gostam é do lixo em espécie mesmo! Eles espalham lixo por todos os lados, não sobra nenhum canto ou recanto. É na praia, nos rios, nas calçadas, nas ruas, na frente das casas, dentro das próprias casas, na floresta, nas praças, nos bueiros. O ‘povinho’ adora viver no lixo. É só andar a pé ou de carro por aí para assistir milhares de exemplos todos os dias. Por que será que gostam tanto de lixo? E, como consequência natural, votam em ‘lixo’ para ser seus governantes, muitas vezes! Não há como e porque reclamar depois!

Bem, a semana terminou, mas eu tinha compromissos de trabalho no final de semana. Eu tinha, ainda, que encontrar soluções para todos aqueles e-mails do meu chefe. E aquela madame me deu muito trabalho. Ela só desistiu de tirar a coluna de sustentação quando eu disse que sim, eu poderia tirar a coluna na condição dela assinar um documento assumindo a responsabilidade pela queda do edifício. Aí, ela recuou. Mas, eu procurei bolar um bar ao redor da coluna dando o charme que ela queria à sua sala. Na construtora sempre procuramos agradar os clientes! A greve do canteiro de obras encerrou-se com a reforma do refeitório e a substituição das bacias turcas pelas bacias tradicionais. O aumento salarial foi esquecido. E quanto ao prédio que teve suas estruturas abaladas, fizemos obras de contenção e reforço e o problema foi sanado. Meu Engenheiro-Chefe estava contente comigo. Não há nada que nos dá mais segurança no emprego do que o sorriso do chefe, não é mesmo? Se tudo der certo, na semana seguinte, no final de semana, estarei em Vargem!

Finalmente, o banco deu uma resposta com relação ao saque por ‘hackers’ em minha conta corrente. Eles concordaram em restituir o dinheiro. E me deram uma série de conselhos para que o fato não se repetisse. Eu instalei um programa de segurança fornecido pelo banco em meu computador. Além disto, eles me recomendaram não prestar nunca mais informações sobre dados da minha conta bancária e senha por e-mail a ninguém (isto eu já havia aprendido!) e me orientaram para dar um número falso de minha senha de acesso à minha conta bancária pela Internet na primeira tentativa. Assim, se o programa aceitar esta senha falsa é uma confirmação que é uma tela falsa. Se não aceitar, trata-se da tela oficial do banco. E a razão para isto é que a tela falsa não tem dados cadastrais dos clientes e aceita qualquer número de senha de acesso ao passo que tela verdadeira está ligada com os

computadores do banco que rejeitam números falsos de senhas. Aprendi mais uma. Mas, que saco não?

Bem, o importante é que mais uma sexta-feira chegou e que aquele fim de semana eu passaria com meus pais em Vargem, reencontrando, assim, as minhas gostosas rotinas do convívio com eles, ver meu terreno, fazer planos e, uma motivação ainda mais especial, rever Severina de Jesus!

Aí, me lembrei que precisava tirar algum dinheiro no caixa eletrônico. Como sempre, eu dava preferências aos caixas eletrônicos localizados dentro das agências por achar mais seguro. A agência não estava muito cheia, mas algumas pessoas estavam operando os caixas eletrônicos. Peguei meu cartão de saque, acionei o caixa eletrônico e, quando estava dando entrada em meus dados, senti algo pressionar minhas costas. Alguém falou: “Fique quieto. Isto é um assalto. Eu tenho uma faca bem aqui nas suas costelas. Finja que somos amigos e saque R\$ 1.000,00 para mim”. Eu nunca reagi em assaltos e não seria desta vez. Fiquei imóvel. Meu receio era que este filho da mãe se apavorasse e se precipitasse me ferindo com sua faca. Saquei somente R\$ 800,00 que era o meu limite. Ele pegou o dinheiro e disse: “Não olhe para trás, continue no caixa eletrônico mais um pouco”. E sumiu com o meu dinheiro! Não vi a cara do assaltante.

Imediatamente, procurei o gerente do banco para reclamar. Afinal de contas, eu estava dentro da agência! E o gerente não quis assumir. Disse que a área dos caixas eletrônicos é fora das instalações de segurança da agência e que não poderia fazer nada. Recomendou que eu fizesse um BO.

Eu fiquei revoltado com esta atitude do gerente de meu banco não assumindo a responsabilidade pelo assalto dentro de sua agência, mas procurei me controlar!

Bem, para minha surpresa, eu não registrei nenhum outro acontecimento para me revoltar nesta minha viagem de final de semana. Minha mãe gostou e se emocionou com a aliança nova que eu comprei para repor a que fora roubada pela falsa cigana. Finalmente, falei com Severina de Jesus sobre namoro, ela concordou e me pediu para falar com os seus pais e com o pastor de sua igreja evangélica. Ela me confessou que estava aguardando ansiosamente este pedido e nós dois tivemos a confirmação que um amor forte nascia e se desenvolveria para sempre. O pastor abençoou nosso namoro, lembrando que sexo somente após o casamento e nos deu dois anos, no máximo, para a realização do casamento.

Eu quase me revoltei com esta determinação do pastor sobre algo que eu julgava ser da alçada minha e de Severina de Jesus, mas procurei aceitar e respeitar!

Bem, os finais de semana em Vargem se sucederam, o prazo de dois anos dado pelo pastor estava chegando ao fim. Na empresa algo aconteceu que seria determinante para minha nova vida de empresário. Um dia, o Engenheiro-Chefe me chamou e disse:

- Tom, estamos tendo problemas com os tubos de concreto para canalização do esgoto. Eles estão se quebrando quando cobertos, não estão aguentando a pressão da terra e do trânsito de carros. Vá ao fornecedor e veja 'in loco' o que está ocorrendo. Se você não certificar a qualidade, vamos procurar outro fornecedor!

E eu me lembrei das palavras de Severina de Jesus: 'Deus sempre lhe mostrará o caminho no momento e na hora certa. Confie nele'. Esta visita foi crucial para a minha experiência de vida. Em visita ao fornecedor, à medida que fazia a análise dos processos de preparo dos materiais, moldagem dos tubos de concreto, qualidade dos materiais empregados, eu pude aprender todo o esquema de fabricação dos tubos de concreto, bem como os equipamentos utilizados. Eu tinha agora em minha mente tudo o que eu precisava para o planejamento de meu próprio negócio.

No fornecedor chegamos à conclusão que o problema estava na forma de fazer a armação de ferros antes da moldagem com o cimento, bem como na espessura do material. O fornecedor se comprometeu a sanar este problema já a partir da próxima entrega, bem como repor os tubos de concreto que apresentaram problemas.

E, quando o Engenheiro-Chefe veio me dar os parabéns pelo bom trabalho realizado junto ao fornecedor, eu aproveitei para falar de meus planos de mudança para Vargem, constituir família e iniciar o meu próprio negócio. Ele sentiu muito este meu pedido de demissão e, em reconhecimento ao meu trabalho, prometeu me pagar todos os meus direitos trabalhistas normais para que eu tivesse um reforço de caixa. E me desejou boa sorte, despedindo-se dizendo: "Se você fabricar algo que podemos usar na construtora nos procure para negociarmos"!

Eu não tinha mais dúvidas que, se continuasse em São Paulo, eu acabaria ficando louco e fulminado por um infarto prematuramente!

O forte abraço dado pelo meu chefe me deu energia e me serviu de estímulo para tocar meu empreendimento. Eu sabia que os meus recursos não eram suficientes para todos os investimentos necessários. Eles davam para a construção do galpão e compra de materiais. Entretanto, os equipamentos seriam financiados. Os meses que se seguiram foram de intensas atividades e de muita realização e satisfação pessoal. Eu pude acompanhar a construção do galpão e do depósito de materiais. Consegui o financiamento do banco para a compra dos equipamentos e estava tudo pronto para abrir, finalmente, a minha empresa. Procurei o único escritório de contabilidade da cidade, entreguei a documentação que me cabia e ele fizera uma previsão de data para o início das minhas operações. Severina de Jesus deixou o trabalho no pequeno mercado para me ajudar nos serviços administrativos da futura empresa.

Caminhava tudo bem até que uma tarde recebi a ligação do Contador. Tratava-se de um assunto urgente e grave. Ao chegar em seu escritório ele me informou que já existia uma empresa registrada em meu nome e esta empresa já havia comprado muitos aparelhos eletro-domésticos e eletrônicos a prazo, vendido todos à vista a preços bem reduzidos, mas sem o devido pagamento aos fornecedores. Na verdade, se tratava de uma ‘empresa fantasma’ e eu deveria, agora localizado, prestar depoimento na Polícia Federal em São Paulo. Foram vários meses de depoimentos e provas para que tudo ficasse esclarecido. Isto atrasou sobremaneira o início de minhas operações e a regularização de minha empresa.

Eu fiquei revoltado com estas pessoas desonestas e estelionatárias que aplicam golpes em pessoas inocentes e boas cidadãs. Mas, procurei me controlar!

Finalmente, o Contador conseguiu a documentação e o registro de minha empresa! Eu estava irradiante de felicidade. Nascia, assim, a ‘Tom Silva Artefatos de Cimento’! E a produção inicial era exatamente de tubos de concreto para canalizações. Este produto era muito usado na construção civil e em obras públicas. Mas, os planos iam além. No futuro a produção deveria envolver blocos de cimento diferenciados imitando pedras naturais, blocos para calçamento e outros produtos de cimento, como vasos ornamentais. Tudo parecia ir muito bem e as primeiras unidades fabricadas de tubos de concreto foram vendidas exatamente para a construtora onde eu trabalhei por tantos anos e onde comecei como trabalhador na picareta.

Entretanto, eu precisaria entrar no mercado de obras públicas onde os pedidos de tubos de concreto são bem maiores. E minha primeira oportunidade surgiu na licitação aberta pela prefeitura de uma das cidades

vizinhas. As eleições se aproximavam e o prefeito fez da cidade um grande canteiro de obras, entre elas a ampliação da rede de esgotos onde milhares de tubos de concreto seriam necessários. Eu procurei apresentar uma proposta de fornecimento de tubos de concreto onde se destacava a qualidade do material e da construção, bem como um preço imbatível. Afinal de contas, éramos uma empresa familiar e não tínhamos custos indiretos elevados.

Vencido o prazo da licitação, a prefeitura divulgou o ganhador da concorrência. Era uma empresa desconhecida que operava em outro estado! Mais tarde fiquei sabendo que o preço dela era bem maior do que o preço oferecido em minha proposta. Realmente eu não compreendia o que tinha acontecido de errado em minha proposta. Mas, resignado, voltei à minha luta e ao meu sonho. Algumas semanas depois algo de muito bom aconteceu para a minha pequena empresa.

Um empresário me procurou para comprar 5000 tubos de concreto. Era a produção de mais de seis meses! E esta compra deu um grande impulso para minha empresa. Prontos os tubos de concreto recebi orientação do empresário comprador para entregar na mesma prefeitura onde eu participara da concorrência.

Achei isto muito estranho! E nos bastidores fiquei sabendo dos motivos pelos quais eu perdi a concorrência - a empresa vencedora concordou em pagar uma propina de 30% aos responsáveis pela licitação, pertencentes ao quadro de servidores! Fiquei sabendo, ainda, que este empresário nem fabricação própria de tubos de concreto ela tinha. Simplesmente ela fazia esta negociação e terceirizava a produção.

Eu, ainda, tentei vender meus tubos de concreto para outras prefeituras participando de outras concorrências. Mas, perdi todas. Eu não aceitava dar propinas, fiquei marginalizado deste processo. Fui à luta para vender meus tubos de concreto para construtoras de fábricas e edifícios comerciais e residenciais.

Infelizmente, em várias delas os departamentos de suprimentos pediam comissões, algo em torno de 10%. Eu comecei a ficar preocupado com o rumo de meus negócios e o futuro de minha empresa que mal dava seus primeiros passos. Entretanto, nestas construtoras pude encontrar alguns cidadãos que procuravam fornecedores de produtos de qualidade e bons preços. E eu fui qualificado em várias delas e, além do preço e qualidade de meus produtos, eu tinha uma referência de honestidade que estes cidadãos

compradores consideravam muito em suas recomendações. Aleluia! Ainda é possível se encontrar alguns cidadãos neste país!

Eu fiquei revoltado com esta situação de corrupção aberta e declarada em várias prefeituras, bem como em empresas particulares, prejudicando os fornecedores éticos e honestos. Mas procurei me controlar!

Eu não tinha mais dúvidas de que deveria diversificar minha produção e não ficar dependente somente dos tubos de concreto. Iniciei a fabricação de blocos de cimento diferenciados, imitando pedras naturais, bem como dos blocos para pavimentação. E minha empresa crescia e prosperava. Os novos compradores eram particulares, que compravam para uso próprio e algumas empresas.

Eu começava a ter um saldo positivo entre minhas receitas e minhas despesas, ou seja, eu começava a ter uma capacidade de poupança. Assim, comecei a pensar em diversificar um pouco meus investimentos para não concentrá-los exclusivamente na minha empresa. E a propaganda da TV faz com que conheçamos oportunidades. E foi em uma destas propagandas que eu resolvi ingressar no mercado do boi. A propaganda era feita por um conhecido e ilustre ator, que acabara de fazer uma novela onde era um grande pecuarista.

E este ator me convenceu, pela credibilidade que sua imagem transmitia, a investir em uma modalidade de compra de bois por cotas. Ou seja, uma tal de Fazenda Boi Forte estava vendendo cotas dos bois que mantinha em seus pastos. Ou seja, eu poderia comprar um bom através de um título e eles cuidariam do meu boi na fazenda. Se um dia eu resolvesse vender o meu título, ou seja, o meu boi, eles me pagariam o valor do boi na época da venda.

Eu sempre me senti atraído pela atividade da pecuária e resolvi investir na compra de 100 bois, inicialmente. E dormia sossegado achando que fizera um grande negócio. Meus bois cresciam e engordavam no pasto, e eu podia senti-los nas mãos representados por 100 títulos de posse. Mas, não demorou muito para que muitos compradores como eu descobrissem que entraram em um golpe. A Fazenda Boi Forte vendera muito mais títulos do que os bois que mantinha tinha nos pastos. Quando os compradores correram para vender seus títulos já era tarde – a vaca tinha ido para o brejo! Assim, comecei a entender que a propaganda da TV pode nos levar a erros e até prejuízos terríveis. Até hoje mantenho meus títulos dos 100 bois ‘cercados’ e esquecidos em uma gaveta da minha mesa de trabalho,

enquanto aguardo o desdobramento do processo de falência da Fazenda Boi Forte.

Eu fiquei revoltado com as propagandas enganosas divulgadas na TV, que nos levam a erros e prejuízos, estreladas por grandes e influentes artistas, mas procurei me controlar!

Aprendi que se deve ver propaganda com muita cautela.. Estas propagandas são bem feitas e planejadas com o objetivo de induzir ao consumo. Quando eu era criança minha mãe saía com uma pequena sacola, ia à quitanda e à mercearia e trazia tudo o que a gente precisava na época. Hoje, uma família depende de tantos itens de alimentação, de limpeza e higiene, vestuário e calçados, de aparelhos domésticos, de beleza, precisam de telefone fixo, telefone celular, Ipod, microcomputador, laptop e a lista segue enorme. São dezenas de potinhos, frascos, embalagens, latas, vidrinhos, caixinhas, pacotes e muitos outros itens para encher a geladeira e os armários.

Bem, viva o conforto da vida moderna! Isto tudo facilita nossa vida e nos dá mais conforto. Curta a praticidade de sua pipoca de micro-ondas! Mas, ao mesmo tempo, como tudo isto está complicando nossa vida, não? E o que é pior - ficamos cada vez mais dependentes de dinheiro e de ganhá-lo cada vez mais. E as indústrias não param de inventar e lançar novos produtos. E, com tudo isto, a beleza e a paz de uma vida simples e sem complicação vai ficando cada vez mais para trás e cairá para sempre no esquecimento das futuras gerações.

Eu me revoltei com este consumismo exagerado da sociedade moderna, que leva a tantos desajustes financeiros das famílias e à cobiça por outros mais carentes, capazes de até assaltar ou matar para ter certo objeto de desejo. Mas, procurei me controlar!

Bem, apesar do meu relacionamento com a Severina de Jesus ir as mil maravilhas, o mesmo não acontecia com o relacionamento entre a futura sogra de Severina de Jesus e minha futura sogra! E, por coincidência, eram nossas próprias mães! Maria, de minha parte, e Alzira, da parte de Severina de Jesus.

E tudo começou em um destes cafés da tarde acompanhado do gostoso bolo de fubá.

- Está gostoso este bolo, dona Maria!
- Obrigada, dona Alzira! É o bolo preferido do Tom!

- Mas, você não gosta muito de bolo de fubá, não é Severina?
- Mãe, claro que gosto! Não coloque palavras na minha boca!
- Severina, eu sei que você gosta mais de bolo de chocolate. Mas, fique tranquila que minha mãe não liga para estas preferências. Não é mãe?
- Cada um come o que quiser!
- E a senhora, dona Maria. Costuma ir à igreja sempre?
- Sim, dona Alzira. Sou devota de Nossa Senhora de Aparecida!
- É! Muitos católicos são! Que interessante, não? Mesmo que a bíblia não reconhece a existência de santos como intercessores entre os homens e Jesus, o filho de Deus, os católicos mantêm este costume!
- Não se trata de costume, dona Alzira. É uma questão de fé e crença! Eu acredito muito em santos. E a igreja católica é muito criteriosa na investigação da vida de uma pessoa antes de ser declarada como santo!
- Bem, mas a senhora notou que as igrejas católicas estão diminuindo a quantidade de estátuas de santos nos templos? Por que estão fazendo isto? Será que, no fundo, não estão concordando com os evangélicos?
- Dona Alzira, a senhora quer saber de uma coisa? Os pastores pregam que não existem santos. Por que, então, eles mesmos estão agindo como se fossem os próprios santos? Veja a quantidade de ‘milagres’ que dizem estar fazendo todos os dias nos cultos. Será que eles não querem para si este papel de santo? Eu já vi pastor fazer mais ‘milagres’ em uma semana do que Jesus fez em sua vida inteira! Será que o objetivo não é somente atrair adeptos e angariar mais contribuições?
- Não concordo, dona Maria! Se formos falar em contribuições, o que se pode dizer do Papa que vive uma vida de puro luxo às custas de contribuições de tantos fiéis pobres?
- Pessoal, calma! Religião não se discute, se respeita! Vamos voltar ao nosso café? Falou Tom, procurando acalmar os ânimos.
- É isto mesmo! Mãe! Vamos mudar de assunto? Cada um tem sua convicção religiosa. Vamos respeitar! Completou Severina de Jesus.

Mas, um início de desavenças se estabeleceu entre as duas sogras. E nunca mais teve um fim para o meu desespero e o desespero de Severina de Jesus! Nesta discussão, sobrou até para o nosso querido Papa!

Eu me revoltei com as discussões entre fiéis, estimuladas, muitas vezes, pela própria competição entre os pastores e os padres na disputa por atrair fiéis, mas procurei me controlar!

Na verdade, na última década, os programas religiosos na TV passaram a ocupar um tempo expressivo em todos os canais, principalmente nas primeiras horas do dia e à noite.

São várias igrejas, normalmente as evangélicas e católicas, que levam a palavra do Evangelho e os ensinamentos de Deus e seu filho Jesus. Ensinam a rezar, interpretam os capítulos da Bíblia, cantam em oração, levam palavras de ânimo e conforto aos milhões de telespectadores crentes que procuram alívio para os seus sofrimentos e problemas de toda ordem, como familiar, financeiro, profissional. Seguidores em êxtase rezam, levam em voz alta suas súplicas ao Senhor, pedem por intercessão e milagre para salvar um filho que caiu na droga, pela doença de um membro de família, para sair de uma situação de desemprego ou um aperto financeiro.

Estes programas se revestem de muita importância social, uma vez que moderam a ambição, a violência e criminalidade, os vícios. Todas as linhas de ação das igrejas para mim são boas e úteis à sociedade. Eu acredito que, quando mais pessoas se entregarem às atividades religiosas, vamos ter menos problemas sociais, principalmente os afetos à criminalidade e violência.

As pessoas que dedicam parte de suas horas diárias em frente a uma TV para acompanhar estes programas reconhecem que se sentem orientadas e tranquilas após estas transmissões.

Nestes programas podemos acompanhar pessoas declarando milagres recebidos, conciliações realizadas com filhos ou com o cônjuge, a graça de conseguir um emprego sanando uma situação financeira e de carências que já estavam desesperadoras. Um fato importante é que o clima dos cultos, onde se ora e se ouve relatos de milagres, é propício para o desenvolvimento da fé e a geração de comandos positivos ao subconsciente. E isto faz bem ao organismo e à mente, favorecendo a realização de verdadeiros milagres. Que bom ver os programas religiosos tomarem um tempo crescente na programação da televisão. Os homens devem resgatar os seus sentimentos religiosos, ser tementes a Deus, acreditar em seu poder infinito. Estes sentimentos, com certeza, somam na construção de uma sociedade melhor.

Se, por um lado, estes programas atraem milhares de seguidores e fiéis, por outro lado, outro grupo de telespectadores é mais cético e cauteloso com relação a estas demonstrações de fé. Eu tenho ouvido muitos comentários no sentido de que algumas igrejas viraram um verdadeiro ‘negócio de família’. Outro comentário e crítica que fazem são sobre a ‘exploração do milagre’ como forma de atrair fiéis e adeptos. São centenas de milagres realizados diariamente. Mesmo as igrejas mais tradicionais, como a Católica, que trata a realização de um milagre com muito cuidado, estão cedendo a esta tendência em seus cultos. São comuns cultos inteiramente dedicados à realização de milagres e, todos os dias, desfilam sob os nossos olhos, centenas de milagres de toda a espécie.

Certa ocasião eu ouvi um comentário de um desconhecido que discutia com um grupo sobre religião. Não pude evitar ouvi-lo dizer: ‘Se o INSS contratasse alguns destes missionários milagreiros, ele acabaria com todas as doenças do Brasil!’. Com certeza ele foi irônico e infeliz. Mas, esta sua colocação nos dá uma ideia de como está repercutindo esta ‘onda de milagres’ ao vivo, a cores, todos os dias.

A religião é a esperança final e maior do homem. Quando o ser humano não acredita mais na justiça dos homens, na cura da medicina, na segurança da polícia, na honestidade de seus governantes e tantas outras situações recorre à proteção da religião e de seu Deus.

Eu fiquei revoltado com a realização de milagres como espetáculo e como forma de atrair adeptos e contribuições que pode gerar um descrédito entre os fiéis quanto à sua veracidade. Isto pode significar para eles a perda desta última esperança de socorro e alívio para as dores de seu corpo e alma. Mas, procurei me controlar!

Meu casamento com Severina de Jesus foi realizado em uma igreja evangélica, como queria e mãe de Severina e em outra cerimônia em uma igreja católica, como queria minha mãe. E iniciei a formação de minha família. O tempo passava rápido. As primeiras árvores plantadas pelo meu pai no terreno em Vargem começavam a dar seus primeiros frutos e atraía os pássaros da região. Igualmente, Severina de Jesus esperava em seu ventre pelo primeiro fruto de nosso casamento. Eu seria papai. Papai de um menino!

Com caixa fortalecido, eu ingressei no ramo da construção civil, Optei por prédios de apartamentos em locais de veraneio, como a Praia Grande em São Paulo. Apartamentos bem construídos e de bom preço asseguraram

mais este sucesso de minha empresa, aliás, de outra nova empresa a 'Construtora Tom Silva'.

Apesar de nosso sucesso nos negócios, Severina de Jesus não quis se mudar de Vargem. Ela preferiu continuar próximo de seus pais. Na verdade, ela tinha medo de adotar o estilo de uma vida de luxo, morar em casas grandes e finamente decoradas e mobiliadas. No início, isto até causou um alguns atritos entre nós. Mas, Severina de Jesus era uma mulher sábia. Ela tinha ensinamentos religiosos que a riqueza afasta as pessoas de Deus e da própria família. E ela achava que nada poderia substituir o amor e convívio com a família. Assim, fomos morar em uma chácara na própria cidade de Vargem, que tinha uma boa casa e um terreno grande. Lá ela cultivava suas flores, organizou um orquidário, disponibilizou um comedouro para atrair pássaros com sementes e frutas, que eram colocadas fartamente todos os dias por ela, enquanto sua barriga crescia. Nem pensar em morar em cidade grande e ostentar riqueza e luxo. Se assim estava bom para ela, estava bom para mim também!

E, finalmente, nasceu o Washington Luiz da Silva Filho! O Tomzinho como foi apelidado. Era um lindo menino e nasceu forte e sadio. Meu sucessor! Eu tinha agora um sucessor! Às vezes me perguntava se ele, no futuro, me sucederia nas empresas. Mas, Severina de Jesus sempre intervinha me chamando a atenção que nós vamos respeitar o que os dons que Deus lhe deu e sua vocação determinarem!

Tomzinho foi batizado no ritual evangélico e católico, como queriam as queridas vovós Maria e Alzira. E os ciúmes entre elas cresciam cada vez mais. Eu e Severina de Jesus tínhamos que montar esquemas de almoçar com uma e jantar com outra, passar o Natal com uma e o Primeiro de Ano com outra.

Eu e Severina até tínhamos motivos para nos revoltar contra este ciúme bobo das nossas mães. Mas, nos controlamos sem maiores problemas. Não há como se revoltar contra nossas queridas mães, não é mesmo?

Eu me sentia um pouco constrangido de poder dar mais para a minha família, como fazer o parto nos melhores hospitais de São Paulo. Entretanto, Tomzinho nasceu em uma modesta maternidade da cidade vizinha Bragança Paulista. Mas, era assim que Severina de Jesus queria que fosse.

Um dia eu lhe perguntei:

- Severina, se é assim, o que vamos fazer com o dinheiro que estamos ganhando e acumulando se não o utilizarmos para o nosso conforto e bem estar?

- Meu bem, ajude as pessoas, reparta com os pobres, ajude as instituições. Experimente o prazer e a felicidade em fazer isto!

Os jornais começaram a estampar em suas manchetes: ‘Milionário doa R\$ 300.000,00 para o orfanato Crianças de Jesus’, ‘O milionário Tom Silva faz a maior doação de brinquedos no Natal para crianças pobres’, ‘Tom Silva promove um grande jantar aos velhos do Asilo Esperança para comemorar a inauguração de suas novas instalações. Ele investiu R\$ 2.000.000,00 na construção do novo asilo’ e foi por aí. E eu comecei a ficar conhecido como um milionário excêntrico. Excêntrico? Por quê?

Eu não podia me queixar. Os negócios iam bem, o meu casamento melhor ainda, o Tomzinho crescia forte e feliz. Apesar de uma posição desfavorável de Severina de Jesus, eu comprei o carro que sempre sonhei quando, ainda, jovem. Um jipe 4x4. Era um carro forte e resistente para o tipo de trabalho que eu fazia, bem como era o meu brinquedo nos finais de semana e férias. Eu gostava de fazer trilhas e visitar os parques nacionais do Brasil. Severina de Jesus preferiu continuar com o seu carro simples e popular. Ela não gostava de ostentar riqueza. Ao contrário, sentia-se profundamente insegura.

A construtora seguia seu curso de progresso e expansão. Novos negócios não faltavam. E não faltavam, igualmente, fiscais que nos visitava para solicitar propinas para realizar uma fiscalização ‘generosa, leve e rápida’, além das visitas de políticos solicitando ‘contribuições espontâneas’ para campanhas eleitorais e para aprovar licitações públicas em que a construtora participava.

Eu me revoltava com esta abordagem assídua de fiscais e políticos querendo obter vantagens à custa da corrupção, mas procurava me controlar!

Tomzinho crescia forte e saudável. Mas, infelizmente, eu não conseguia acompanhar todas as fases de seu crescimento. Tive que abrir mão disto em vista de meus inúmeros compromissos na empresa. Mas, não deixava faltar nada e eu queria o melhor para ele, sempre.

E o tempo passava depressa. Tomzinho completou seis anos de idade e era chegada a hora de iniciar seus estudos. Eu imaginava o que ele gostaria de ser quando crescesse. Mas, conseguia respostas como: Bombeiro, Polícia, Motorista de Caminhão, Jogador de Futebol.

E tivemos, eu e Severina de Jesus, alguns contratemplos sérios na escola do Tomzinho. E olha que era uma escola particular e conceituada. Um dia, Tomzinho foi vítima do ‘bullying’ de colegas da escola. Um grupo de ‘aprendizes da violência’, crianças mal educadas pelos seus pais, o derrubou no chão e chutou seu material escolar. Ele chegou a fazer um corte na testa. Voltou para casa assustado e, no dia seguinte, não queria ir mais para a escola. E lá fomos nós falar com a Diretora da Escola que nos prometeu providências e proteção para o nosso Tomzinho.

Mas, reconheceu que a indisciplina das crianças atuais está se deteriorando em um ritmo assustador e, quando a escola toma ações disciplinadoras, como colocar os alunos indisciplinados de castigo, muitos pais não aceitam, discutem com a administração da escola e alguns chegam a procurar a mídia expondo negativamente o nome e a imagem da instituição. E disse, ainda, as violências e desaforos feitos aos professores. Muitos deles estão desistindo da profissão.

Eu me revoltei com estas atitudes dos pais ‘modernos’ que exageram em suas manifestações de amor e carinho aos seus filhos, a eles tudo permitindo, inclusive estes atos de vandalismo e violência nas escolas. Mas, procurei me controlar!

E, em outras oportunidades, as aulas foram suspensas por alguns dias, em virtude de invasão de adolescentes vândalos que destruíram móveis, material escolar, jogaram computadores no chão, riscaram paredes com símbolos que marcavam a ‘gang’ a que pertenciam, registrando oficialmente sua imbecilidade, falta de educação e violência.

Eu me revoltei com estes adolescentes desocupados, vazios espiritualmente, sem objetivos de vida, abandonados na educação por seus pais, que se divertiam com ações como esta definitivamente entrando na escola da criminalidade e marginalidade. Mas, procurei me controlar!

Uma noite, meu pai me ligou apavorado dizendo:

- Meu filho! Estou com muito medo!
- Mas, o que aconteceu pai?
- Recebi uma ligação e ouvi sua mãe chorando que estava nas mãos de bandidos! Mas, antes que eu pudesse falar melhor com ela, um deles me disse: “Mano, o negócio é o seguinte. Estou aqui com sua mulher e vou matá-la caso não deposite na minha conta o valor de R\$ 3.000,00!”.

- E o que o senhor fez, pai?
- Bem, eu tentei falar com sua mãe. Ela saiu para ir à missa. Eu liguei no celular dela, mas deu caixa postal. Fui à igreja e ela não estava lá. Aí, achei melhor fazer o depósito na conta que o bandido me deu!
- Pai! Acho que o senhor caiu no golpe do telefone! E a mamãe?
- Ela apareceu depois e disse que fora visitar uma amiga depois da missa. Ainda corri no banco para cancelar o depósito, mas o dinheiro já havia sido sacado!
- Pai! Era uma ligação falsa. São bandidos que ligam até de dentro da cadeia. Mas, fique calmo. O importante é que a mamãe está bem!

Eu fiquei revoltado com a facilidade que os bandidos têm de possuir celulares dentro das cadeias e aplicar golpes em cidadãos incautos como este. Mas, procurei me controlar!

Eu imaginava o dia em que pudesse me aposentar e deixar meus negócios nas mãos do Tomzinho. Mas, será que isto seria o seu desejo? Tomzinho estava prestes a finalizar a 8.^a série do primeiro ciclo. Em seguida, viria o 2.^o ciclo e, finalmente, a faculdade! Eu somente fui me aperceber o quanto eu estava afastado da vida do Tomzinho quando fui buscá-lo na escola em um dia em que Severina de Jesus estava com outros compromissos. Até hoje eu me lembro do diálogo com a Secretária da escola:

- *Por favor, senhora. Eu vim buscar o Tomzinho.*
- *O senhor é o que dele? O avô?*
- *Não, senhora. Eu sou o seu pai.*
- *Ah, não parece! Qual a turma em que ele estuda?*
- *Bem, na verdade, eu não sei. Geralmente é minha esposa quem cuida disto.*
- *Ah, entendo. Qual o nome da professora do seu filho?*
- *Desculpe, também não sei. Nunca ocorreu de ouvir o nome dela em casa.*
- *Hoje ele está em prática esportiva. O senhor sabe em que torneio da escola ele está participando?*

- *Hum, acho que é futebol. Creio.*
- *Vejamos. Não, ele está no torneio de basquete!*
- *É verdade. Eu me esqueci por um momento. Desculpe!*
- *Qual o nome completo do menino, o senhor sabe?*
- *Senhora, como não poderia saber o nome completo do meu filho? A senhora está com ironia?*
- *Não, senhor. Apenas preciso saber para descobrir sua turma e poder chamá-lo. Afinal de contas temos mais de 3000 alunos na escola.*
- *Ah, está certo. O nome dele é Washington Luiz da Silva Júnior.*
- *OK! Vejamos! Washington Luiz da Silva Júnior ele é o número 25 e está na Turma D14 e sua professora de prática esportiva é Dona Luiza. Vou chamá-lo.*

Aí eu refleti. Puxa vida! Esta eu fiquei devendo para o Toninho. Eu não estou sabendo nada de sua vida na escola. Que vergonha! Preciso melhorar o meu papel de pai. Mas, este escritório me rouba todo o tempo! Não, isto é desculpa. Todos os pais trabalham. Talvez eu esteja sendo o pior pai da escola!

Ei fiquei revoltado comigo mesmo de não encontrar o tempo que preciso para dedicar-me ao meu filho, mas procurei me controlar.

Assim, comecei a desenvolver uma gerência profissional e minha empresa e passei a delegar mais. Fazendo isto, consegui arrumar mais tempo para o meu querido Tomzinho que entrava na sua adolescência. Eu até participei de festas do Dia dos Pais e campeonatos internos entre os pais dos alunos. De alguma forma, consegui me reabilitar perante o Tomzinho.

Na empresa, o meu processo de profissionalização e delegação de autoridade ia bem até que um dia eu fui surpreendido pelo relatório de Auditoria. Um dos gerentes montou um esquema de fraude e se beneficiou de alguns milhões de reais. Ele estava fazendo isto há muito tempo, em conluio com fornecedores desonestos que emitiam notas frias de falsas entregas de mercadorias. Eu procurava ser um bom patrão, mas nem sempre conseguia a lealdade de alguns funcionários. Tive que retomar

alguns setores, corrigir estes desvios e colocar novamente a empresa no rumo de uma boa organização.

Eu me revoltei com estes funcionários que usam o seu talento para aplicar fraudes nas empresas que o abrigaram e abriram portas de uma carreira, mas procurei me controlar!

Tomzinho estava prestes a terminar o 2.º ciclo e começava a analisar opções de uma carreira e curso universitário. E, para minha alegria, ele optou por seguir a carreira de Engenheiro Civil e trabalhar comigo. Eu não podia ter uma felicidade maior! O meu filho resgataria o curso universitário que eu não fiz e, o que é ainda melhor, seria o meu sucessor na empresa. Não quis o Destino que ele tivesse um irmão ou uma irmã. Assim, toda minha atenção e a atenção de Severina de Jesus se concentraram nele. Minado? Sim! Mas, muito inteligente e carinhoso ficou!

Tomzinho sempre foi um aluno brilhante e ingressou em uma universidade pública, após um vestibular muito concorrido. Ele já estava com 19 anos e começara a namorar. Mas, não pensava em casamento tão cedo. E, enquanto ele prosseguia em seu curso de Engenharia Civil e a Severina de Jesus com suas obras sociais na igreja que frequentava, eu dividia meu tempo com os problemas da empresa, o sonho de me aposentar e entregar a batuta para o Tomzinho.

Assim, se passaram alguns anos. Eu me dividia entre as minhas empresas, minha família, meus pais e os pontos de vendas de meus produtos, me obrigando a frequentes viagens.

E Severina de Jesus me contou, certa noite, uma violência que sofrera há muito tempo atrás. Ela saiu de um supermercado quando foi rendida no estacionamento por dois bandidos que entraram em seu carro e a obrigou a percorrer alguns caixas-eletrônicos para sacar dinheiro. Felizmente, ela manteve a calma e rezou o tempo todo pedindo ao Senhor por proteção. Após alguns saques, os bandidos a deixaram, sã e salva, em uma rua distante de casa.

Eu me revoltei com esta onda de sequestros relâmpagos feitos por marginais, principalmente, contra as indefesas mulheres e pela facilidade que encontram nos estacionamentos e nos bancos para agirem ilegalmente. Mas, procurei me controlar!

E, neste dia-a-dia de minha vida, eu continuei me revoltando com o ‘povinho’ que insistia em infernizar a minha vida e vida dos outros cidadãos brasileiros, E foram muitas as situações:

- Os saqueadores de cargas de veículos acidentados nas estradas;
- Os que estacionam nas calçadas, muitas vezes debaixo de placas proibitivas;
- Os que subornam ou tentam subornar a fiscalização quando é pego cometendo uma infração;
- Os que trocam o seu voto por qualquer coisa, como areia, cimento, tijolo, dentadura;
- Os que trafegam pela direita nos acostamentos num congestionamento;
- Os que traficam mercadorias;
- Os que traficam drogas;
- Os criminosos assassinos;
- Os eleitores que insistem em votar em políticos reconhecidamente corruptos e com fichas sujas, entregando a conta para pagamento dos cidadãos;
- Os que assistem programas de TV, ouve rádio ou lê jornais que exploram o sexo banal, a violência, a vulgaridade, a exposição de pessoas com deficiência, a ignorância popular.
- Os que instalam potentes alto-falantes em seu carro e viola a lei do silêncio;
- Os que dirigem após consumir bebidas alcoólicas;
- Os que furam filas nos bancos, utilizando-se das mais esfarrapadas desculpas;
- Os que pegam atestados médicos sem estar doente, só para faltar ao trabalho;
- Os que fazem gato de luz, de água e de TV a cabo;
- Os que procuram enrolar no ambiente de trabalho para ganhar dinheiro sem fazer força;
- Os que deixam seus filhos na rua à mercê de bandidos, traficantes, prostituição;
- Os que compram mercadorias mesmo sabendo que não vai pagar;
- Os que passam cheques sem fundos;
- Os estupradores.
- Os que registram imóveis no cartório num valor abaixo do comprado, muitas vezes irrisórios, só para pagarem menos impostos;
- Os que compram recibos para abater na declaração do imposto de renda para pagar menos imposto;
- Os que mudam a cor da pele para ingressar na universidade através do sistema de cotas;

- Os que pedem nota fiscal de R\$ 20,00 quando pagou somente R\$ 10,00 quando viaja a serviço da empresa;
- Os que comercializam objetos doados em campanhas sociais e catástrofes;
- Os sequestradores;
- Os que exploram a prostituição;
- Os pedófilos;
- Os que têm um comportamento infiel, desonesto e de traição em seus relacionamentos na sociedade;
- Os caçadores de animais silvestres;
- Os que estacionam em vagas exclusivas para idosos e deficientes sem direito;
- Os que adulteram o velocímetro do carro para vendê-lo como se fosse pouco rodado;
- Os que compram produtos piratas com a plena consciência de que são piratas;
- Os que diminuem a idade de seu filho para que ele passe por baixo da roleta do ônibus sem pagar passagem;
- Os que emplacam o carro fora do seu domicílio para pagar menos IPVA;
- Os que derrubam as matas e florestas;
- Os agiotas que exploram os necessitados exatamente no momento de seu maior desespero;
- Os que não se interessam pela preservação do meio ambiente para as futuras gerações, sendo um grande poluidor;
- Os que acham que para acumular riqueza tudo é válido e tudo pode;
- Os que acham que dinheiro vem acima de Deus e acima de tudo;
- Os que atuam nos órgãos da mídia e exploram o sexo banal, a violência, a criminalidade, a vulgaridade, a ignorância popular, as pessoas portadoras de necessidades especiais como grandes fontes de sua programação para atrair e aumentar audiência, não se importando como isto repercute negativamente e ajuda a destruir ainda mais a sociedade.
- Os que frequentam os caça-níqueis e faz uma fezinha no jogo de bicho, mesmo sabendo que são irregulares;
- Os que levam da empresa onde trabalham pequenos objetos, como clipes, envelopes, canetas, lápis, como se isto não fosse roubo;
- Os que falsificam documentos ou comete falsidade ideológica para tirar vantagens;
- Os que mentem ao fiscal aduaneiro sobre o conteúdo de sua bagagem quando volta do exterior;
- Os que são autoridades e abusam do seu poder, extrapolando suas ações, por arrogância ou mesmo tirar proveito próprio;

- Os políticos que se interessaram em ingressar nesta carreira para participar de falcatruas e corrupção;
- Os comerciantes que abusam dos preços colocando margens de lucro acima do que seria moral e economicamente recomendável;
- Os sabotadores;
- Os que têm o lema de vida em que os interesses particulares devem prevalecer aos interesses comunitários.
- Os que ficam os objetos achados, mesmo sabendo quem é o dono ou onde pode encaminhá-lo ao setor de achados e perdidos;
- Os que descartam o seu lixo onde estiver a esmo, sem se preocupar com a limpeza o seu bairro e da cidade onde mora ou mesmo da poluição do meio ambiente;
- Os que praticam corrupção;
- Os que dão golpes em pessoas;
- Os que furtam, roubam, são assaltantes;
- Os briguentos e violentos contra as pessoas em geral e, em especial, com as crianças e mulheres;
- Os que se drogam e se alcoolizam por convicção e plena vontade;
- Os comerciantes que vendem bebidas alcoólicas e cigarros para menores de idade;
- Os que vendem ou emprestam material pornográfico para menores de idade;
- Os que alteram dados de validade para vender produtos já vencidos;
- Os que falsificam documentos em geral para tirar vantagens pessoais ou vender a outras pessoas com o mesmo objetivo;
- Os que falsificam produtos para vender como produtos originais;
- Os profissionais das áreas de serviços, como mecânico de autos, por exemplo, engana seus clientes sobre um problema que não existe e cobra o preço por um serviço não realizado ou desnecessário;
- Os que compram ou vendem objetos fabricados com peles e outras partes de animais silvestres, não se importando com a extinção da fauna;
- Os vândalos causando prejuízos na calada da noite através de pichação de muros e paredes das propriedades alheias ou outras maldades como riscar carros;
- Os que dão vazão ao seu instinto sádico fazendo maldades, como jogar pedra, garrafa com urina e outras coisas em carros durante o carnaval e outras festas populares;
- Os palmiteiros criminosos e insensíveis que destroem uma planta que leva mais de 20 anos para dar seus frutos, que são alimentos principais de várias aves e animais silvestres, por conta de pegar não mais que 50 centímetros da polpa da planta;

- Os que pertencem à facção de torcedores fanáticos que se aproveitam dos eventos esportivos para liberar todo o seu instinto selvagem, violento e criminoso, causando vítimas e danos ao patrimônio alheio;
- Os agricultores que abusam de agrotóxicos e fertilizantes mesmo sabendo que os produtos agrícolas poderão ser prejudiciais à saúde do consumidor;
- Os ‘hackers’ que utilizam o seu talento para destruir computadores e programas com vírus ou obter dados pessoais para aplicar golpes nas pessoas;
- Alguns padres e pastores de igrejas que simulam milagres falsos para atrair adeptos e, assim, aumentar as doações dos fiéis;
- Os juízes que não honram o voto de formatura e participam de falcaturas e encobrem golpes levados à justiça;
- Os policiais que não honram a farda e integram quadrilhas de assaltantes, assassinos e traficantes;
- Os legisladores que permitem uma legislação branda e condescendente com criminosos, inclusive maiores de 16 anos;
- Os alunos veteranos que aplicam trotes violentos nos calouros demonstrando, numa recepção sádica e vulgar, um despreparo para a carreira.
- Os filhos ingratos que abandonam seus pais idosos condenando-os a privações e solidão;
- Os que administram a política econômica do país acreditando que o valor maior da sociedade é o crescimento material e econômico, em detrimento do crescimento moral e espiritual, único que poderia, efetivamente, promover o crescimento verdadeiro da sociedade;
- Os que transformaram o dinheiro como o novo Deus e por ele cometem todos os tipos de desatinos;
- Os que assistiam e mantêm as rinhas de galo, as touradas, os espetáculos de lutas marciais violentas e sangrentas, liberando o seu sadismo e instinto violento;
- Os pais que não estão assumindo a educação de seus filhos, criando verdadeiros vândalos que depredam escolas e desrespeitam os professores, inclusive com violência física;
- Os governantes ‘filhos de Fidel Castro’ da América Latina que se aproveitam das regras da democracia para galgarem posições de comando e subjulgarem eleitores com favores visando se perpetuarem no poder. Uma vez no poder, agem como verdadeiros ‘ditadores democráticos’ cerceando direitos e liberdade de expressão;
- A tentação ao dinheiro fácil, ganho através de golpes e corrupção, que vários juízes, autoridades policiais, servidores públicos, grandes nomes do esporte, empresários, políticos e tantas outras celebridades e autoridades se submetem, levando a sociedade brasileira rumo a um

destino incerto e que tira a esperança de um povo sofrido por um futuro melhor para si e seus filhos;

- O ‘povinho’ que aceita as mazelas brasileiras sem lutas ou protestos, olhando somente para o próprio umbigo e interesses, alguns até se conformando de ver seus filhos se entregarem às drogas e prostituição;
- As parcerias de muitos policiais com bandidos e, não raras vezes, com a complacência da justiça, não dando nenhuma chance de defesa ao cidadão;
- Os eleitores despreparados que insistem em votar em ladrões, corruptos, fichas sujas, como se isto não fosse prejudicá-los;
- Os fazendeiros e agricultores gananciosos que desmatam tudo ao redor da fazenda objetivando somente lucros e mais lucros. Sequer, deixam nichos verdes para preservar o pouco que restou da Natureza;
- Os industriais que contaminam rios e solo com os resíduos tóxicos de suas empresas e, muitos deles, ainda fazem propaganda falsa de desenvolvimento sustentável e preservação do meio ambiente;
- Muitos jovens de hoje que não se preocupam em estudar, dão prioridade ao culto do corpo e ao prazer das relações fáceis, omitindo-se de construir um país forte e verdadeiramente de futuro, formando-se péssimos alunos e sem condições de prestar um bom serviço em suas profissões, em especial, as que cuidam da saúde pública;
- Todos que procuram tirar vantagem em tudo e contra todos, beneficiando-se da impunidade da famosa Lei de Gerson;
- Os legisladores que fazem leis penais complacentes para os criminosos e a Justiça que as aplica de forma morosa, garantindo as condições de impunidade que não desencoraja a violência;
- Enfim, todos os que acham que ética e valores morais são matérias de estudo da Sociologia e outras matérias, sem nenhuma utilidade ou aplicação prática nos dias de hoje.

Mas, eu procurava me controlar!

Nestas muitas situações em que me revoltei, eu me deparei com pessoas que, não somente faziam parte do grupo de ‘povinho’ como eram criminosas, violentas, a escória e lixo maior da sociedade e que esta sociedade poderia ser muito melhor sem a sua existência! Mas, sem esperanças neste sentido! O seu número crescente e a impunidade assinalavam que eles tinham pela frente um amplo e livre espaço para continuarem prejudicando a todos. Ah! Pobres cidadãos!

E eu vivi centenas de outras situações que me revoltaram você também! Com certeza, faltaram muitas outras situações na lista acima. E foi quando uma dúvida terrível passou a ser presença constante em meu pensamento. Se aplicássemos as situações acima em um questionário como teste a todos os brasileiros e todos respondessem com honestidade e sinceridade que resultados teríamos? Que proporção de brasileiros estaria na classificação de ‘povinho’ e ‘cidadãos’? Seria exagerado afirmar que a maioria estaria na classificação de ‘povinho’ e que os ‘cidadãos’, em número cada vez mais decrescente, já seriam minoria neste país? Ou não?

E o que esperar no futuro deste nosso país uma vez que este ‘povinho’ é que elege os nossos governantes? Esta dúvida passou a me atormentar!

Meu velho pai, senhor Pedro, não concordava comigo. E dentro de sua calma e da paz que a idade e a fase de aposentadoria lhe propiciavam, ele argumentava comigo:

- Tom, meu filho! Eu acho que você está muito pessimista e amargurado com as coisas que aconteceram com você. Mas, daí concluir que a maioria de nosso povo não pode ser considerada na categoria de ‘cidadãos’, isto eu não concordo! Acho que você está estendendo os seus conceitos para uma faixa ampla de brasileiros de forma injusta.

- Pai! O senhor acha mesmo? Mas, eu até gostaria de pensar o contrário. Mas, por qualquer lugar que ando neste imenso Brasil, e olha que eu viajo muito, pelos contatos que mantenho com um número grande de pessoas, além daquelas desconhecidas que vejo no dia-a-dia, eu não consigo ver e pensar diferente.

- Mas, filho! Será que você não está tão frustrado a ponto de não enxergar a maioria das pessoas bem intencionadas e os bons cidadãos que existem no Brasil?

- Pai, queira Deus que sim. Mas, vou pensar diferente quanto conseguir encontrar brasileiros que não se enquadram nos itens que mencionei. Felizmente, consigo, sim, encontrar. Mas, em um número sempre inferior.

- Bom, meu filho. É inegável que a sociedade está passando por uma deterioração e inversão de valores. Talvez, por morar em uma cidade pequena, não consigo ter a visão que você está tendo. Mas, que Deus te ilumine na busca da verdade.

Eu não quis prolongar a conversa com o meu pai. Afinal de contas, ele até pode estar com a razão e eu estou com uma visão muito pessimista sobre o povo que habita este país. Gostaria muito de estar errado. Muito errado!

E vocês? Conhecem alguém que não se enquadre em nenhum dos tópicos que listamos acima? Se conhecer, meus sinceros parabéns!

Bem, o Tomzinho começou a estagiar em nossa empresa e já estava no último ano da Engenharia Civil. Ele aprendia a rotina dos trabalhos e a estratégia dos negócios com extraordinária rapidez. E isto me deixava muito confortável em, um dia, me aposentar e passar o comando do barco para ele.

E foi assim que, em uma manhã de expediente normal de trabalho, o Tomzinho não apareceu. Não apareceu no trabalho, não apareceu em casa à noite. Não ligou, sua namorada, igualmente, não tinha notícias dele. Bem, talvez, alguma comemoração com seus amigos o tiraram de sua rotina normal. Isto acontece com os jovens. Mas, era de se estranhar, não era o seu hábito. E uma preocupação começou a tomar de todos nós em casa.

E mais um dia se passou, mais outro. Corremos as delegacias, hospitais. Nada de sinal do Tomzinho. Conseguimos falar com vários de seus amigos, sem resultado.

Severina de Jesus, apesar de crente nos poderes de Deus, igualmente, começou a ficar seriamente preocupada. Afinal de contas, não se poderia ignorar a violência que impera neste país. Avisamos a polícia, buscas foram realizadas, avisos colocados em postes, comércio e murais da cidade.

Assim, se passaram cinco dias. Eu procurava amparar o choro de Severina de Jesus durante o dia e chorava sozinho à noite.

E foi assim que começamos a receber ligações e recados de um grupo de sequestradores. Eles haviam levado o meu Tomzinho. No início, eu me revoltei, mas, até procurei me controlar. A situação exigia controle. O primeiro bilhete dos bandidos foi para que a família aguardasse novos contatos e que não avisasse a polícia. Porém, julgamos que seria mais apropriado avisar sim a polícia. E o fizemos, pedindo o máximo de sigilo no caso. Outros bilhetes vieram. Depois uma gravação de Tomzinho dizendo que estava bem, mas desesperado. E os próximos bilhetes davam instruções para o pagamento de um resgate milionário. Eles exigiam o pagamento em dinheiro de R\$ 5.000.000,00 em notas de cem acondicionados em malotes

que deveriam ser deixados em vários pontos da cidade. E avisaram: “Se houver polícia, nos apagamos o seu filho!”.

Eu me revoltei a nível máximo e não consegui mais me controlar! Apaguei! Pensei que tivesse morrido!

- E foi aí doutor que eu não me lembro de mais nada. Estou acordando agora neste hospital. Mas, onde está Severina de Jesus, onde está meu filho Tomzinho?

Dizendo isto, o senhor Tom Silva deu um pulo da cama e tentou correr em direção à porta do quarto do hospital, sendo acalmados pelos médicos:

- Calma, senhor Tom. Sua esposa está bem e seu filho salvo! Eles foram chamados e devem estar aguardando na sala de espera.

Em seguida, o Dr. Einstein se dirigiu à sala de espera, onde deu instruções à esposa e filho do senhor Tom:

- Vocês devem entrar com cuidado. Ele acabou de sair do estado de choque. Aparentem o máximo possível calma e paz. Isto vai ser importante para ele. Evitem emoções mais fortes, apesar de que eu compreendo o quanto vocês gostariam de abraçá-lo com força e demonstrar toda sua alegria!

Uma alma generosa e corajosa de uma cidadã anônima havia avisado a polícia sobre uma movimentação estranha de pessoas em uma chácara em Joanópolis, cidade próxima à cidade de Vargem. Ela acompanhava o movimento de pessoas suspeitas que entravam e saíam da casa, sempre em atitudes de vigília e cautela. E não teve dúvidas que poderia se tratar de bandidos. A polícia cercou a chácara e lá encontrou Tomzinho, abatido, desesperado e apavorado. Todos os bandidos foram presos. Tomzinho resgatado.

Em casa, a família do senhor Tom Silva procurava se reorganizar e discutir os rumos que dariam em suas vidas. Decidiram fazer uma longa viagem para o exterior. Mudar de ares. Esquecer todas as revoltas que atormentaram a todos, em especial o senhor Tom Silva. O senhor Tom Silva era um empresário dedicado e, praticamente, nunca tirou férias e sequer tinha viajado para algum outro país. Conhecia bem o Brasil, mas nada do exterior. Ele ouvia falar bem de países como a Noruega, Islândia, Holanda, Japão, Suíça, Alemanha e Suécia.

Mas, chegava a duvidar quando lhe contavam que nestes países ninguém jogava lixo na rua, ninguém sujava as praias e poluía os rios, os carros eram deixados estacionados com as chaves no contato, as bicicletas ficavam estacionadas nas ruas sem qualquer corrente ou cadeado de segurança. Imagine só! As bancas de jornais não tinham jornaleiros tomando conta e os interessados compravam jornais ou revistas simplesmente depositando o dinheiro em uma caixa. E falavam muitas outras coisas que o senhor Tom Silva pensava que era brincadeira ou zombaria.

Diziam até que nestes países o progresso, a justiça social, a educação do povo e o espírito comunitário eram liderados por políticos estadistas! Como pode? Onde os acharam? Como? Você não sabe o que é um estadista? Você não tem culpa! Não é comum se ver um estadista por aqui. E falavam até que nestes países só viviam ‘cidadãos’ e que o ‘povinho’ era inexistente ou mínimo.

O senhor Tom Silva queria ver para crer, como São Tomé! E ele programou sua viagem a todos estes países.

E eles tinham que repensar suas vidas depois da violência praticada contra Tomzinho, seu único filho. E eles teriam um bom tempo para discutir e tomar decisões importantes para a família.

Tais como:

Se eles continuariam morando ou não no Brasil. Eles já tinham recursos financeiros mais do que suficientes para organizar suas vidas em outro país, onde a sociedade estava estruturada com uma maioria esmagadora de cidadãos. Havia várias opções em lugares lindos e seguros. Esta poderia ser uma opção interessante para eles. Seria uma forma de esquecer tantas revoltas e frustrações.

Se eles manteriam ou não a construtora operando. A empresa já se encontrava em uma boa fase de profissionalização e o senhor Tom Silva poderia administrar à distância e com algumas vindas ao Brasil. Seria uma forma de continuar cumprindo com sua função social e assegurar o emprego de milhares de trabalhadores que dela dependiam.

Se eles fariam ou não um desapego ao dinheiro e um retorno a uma vida simples. Esta era a hipótese mais defendida por Severina de Jesus. Ela nunca se sentiu confortável com a riqueza. Seu pai a educou e costumava repetir sempre que ‘a beleza da vida estava nas coisas simples’. Ela não era de luxo e

não queria mudar seus valores em função da vida de luxo que o dinheiro de Tom Silva poderia lhe proporcionar.

Realmente, estas seriam decisões muito importantes a ser analisadas e tomadas nesta longa viagem.

Por enquanto, eles somente queriam descansar, curtir o amor e amizade entre a família e esquecer todo este passado

No dia do embarque, os voos estavam atrasados, o aeroporto estava congestionado com milhares de pessoas, as lanchonetes com longas filas, os banheiros sujos e desabastecidos. Os passageiros gritavam e brigavam com os pobres atendentes dos guichês das companhias aéreas.

O senhor Tom Silva e Severina de Jesus aproveitavam para circular pelos corredores do aeroporto de mãos dadas, rindo, se namorando. Sequer eles notaram toda esta confusão no aeroporto! Ele, instintivamente, descobriu que, quando se passa por uma desgraça e um problema muito grave e sério, como foi o sequestro do Tomzinho, tudo parece de menor importância. Daí para frente, ele não se revoltava mais contra o ‘povinho’ e tentou até descobrir o que este povo poderia ter de bom ou como poderia ser desenvolvido para compor o grupo de cidadãos. E, sem dúvida, encontrou a única resposta possível dar esperança para que este ‘povinho’ se converta em ‘cidadãos’ - ela estava alicerçada, fundamentalmente, na Educação.

Finalmente, o senhor Tom Silva estava curado!

A família Tom Silva havia comprado passagens só de ida, exceção feita ao Tomzinho. Ele precisava voltar. Tinha compromissos escolares e na construtora.

Na volta, logo ao chegar ao Brasil, Tomzinho constatou que uma de suas malas havia sido arrombada e as outras duas foram extraviadas. Havia sido enviadas para a Austrália e ele teria que esperar por sua busca e devolução, caso as achassem e não fossem novamente furtadas.

Tomzinho se revoltou com esta situação caótica nos aeroportos brasileiros e os constantes atrasos, furtos e extravios de bagagem, mas procurou se controlar...

O nosso pobre e sofrido Uóchitão Luiz da Silva havia, finalmente, havia encontrado seu sucessor!

Quanto aos seus pais Tom Silva e Severina de Jesus, Tomzinho não tinha informações sobre a viagem de volta ao Brasil. E já havia se passado mais de seis meses!

Tomzinho sentia muitas saudades deles. De vez em quando, ele se dirigia ao escritório do seu pai, olhava a mesa de trabalho, ainda com alguns papéis pendentes de assinatura em cima, sua caneta preferida aberta pronta para assinar documentos, cena deixada por seu pai logo após a comunicação de seu sequestro. E se lembrava da luta que tivera o seu pai para vencer na vida. Na parede, orlando a sala, ele olhava para a primeira picareta com a qual seu pai trabalhou e que guardou como lembrança. O cabo de madeira estava bem trabalhado e finamente envernizado. A picareta foi polida e revestida a ouro.

Por enquanto, só lhe restava a saudades e a expectativa de um breve retorno de seus queridos pais.

E este retorno estava demorando bem mais do que ele imaginara...

E, assim, termina a história de nosso personagem Uóchitão. Um brasileiro, cidadão, que vive atormentado por tantas ameaças, frustrações, violências e sofrimentos impostos pela sociedade atual, além do comportamento ainda primitivo, egoísta, inculto de muitos brasileiros. Isto sem falar, dos desmandos e corrupções entre muitos de nossos órgãos de governo, a falta de estadistas entre os nossos políticos, a desonestidade das intenções e ações de muitas pessoas e profissionais, a perda da ética e dos valores morais, a vulgaridade diariamente divulgada nos meios de comunicações, em especial, a televisão. Enfim, o trabalho já incluiu todas estas situações.

A história de Uóchitão, apesar de sua revolta exagerada, poderia ser a história de muitos cidadãos brasileiros. Homens e mulheres honestas, trabalhadoras, bem intencionadas, que se pautam na ética e valores morais em suas ações e que sustentam, ainda, os alicerces, da família e da sociedade. Apesar de perderem campo para uma parcela significativa da população que cresce sem estes parâmetros, levando um ônus muito pesado, material e moral, aos verdadeiros cidadãos.

O Uóchitão, em um momento mais sereno de sua vida e no final da história, ressalta e sinaliza um grande caminho que possa levar a uma esperança de solução para que se interrompa o atual processo de deterioração da sociedade e seus valores éticos e morais. E este caminho está alicerçado, fundamentalmente, na Educação.

E o nosso amigo Uóchitão estava no caminho certo, sem dúvida! Parabéns, senhor Tom Silva! E boa viagem de retorno ao Brasil, se isto acontecer algum dia!

FIM